



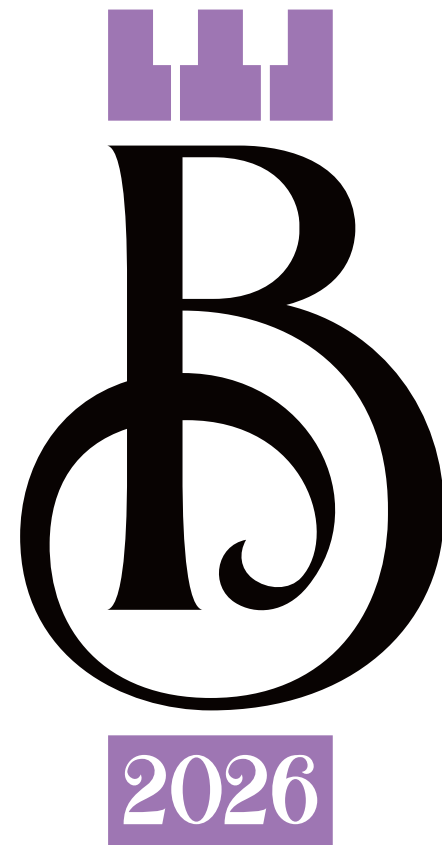
FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA

BRAGANÇA
CLASSICFEST

Filipe
Pinto-Ribeiro
Director
Artístico

6^a EDIÇÃO

2026





Pedimos que desliguem os telemóveis durante os espectáculos. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espectáculos.

Í N D I C E

APRESENTAÇÃO

- 4 **Isabel Ferreira** Presidente da Câmara Municipal de Bragança
- 6 **João Cunha** Director do Teatro Municipal de Bragança
- 8 **Filipe Pinto-Ribeiro** Director Artístico do Bragança ClassicFest

CONCERTOS

- 10 **Apresentação e Concertos de Lançamento** • Haydn & Mozart
- 20 **Concertos de Abertura** • Vivaldi & Paganini
- 26 **Dia Mundial da Música** • Música e Poesia do Século de Ouro Ibérico
- 30 **O Carnaval dos Animais** • Música & Humor
- 44 **A Arte dos Metais** • 100 Caminhos
- 54 **Liszt, o Virtuoso** • Recital de Piano
- 56 **Concerto de Encerramento** • Fulgor Húngaro
- 62 **Um Concerto de Natal** • Bragança ClassicLab
- 68 **Calendário Geral**
- 69 **Bragança ClassicLab**
- 70 **Informações úteis**

A P R E S E N T A Ç Ã O



A cultura é um dos mais importantes instrumentos de valorização dos territórios, de promoção do conhecimento e de aproximação entre pessoas e comunidades. É com este espírito que Bragança acolhe a 6.ª edição do Bragança ClassicFest, um projecto que se tem afirmado como uma referência no panorama da música clássica em Portugal e que contribui de forma decisiva para a projecção cultural da nossa cidade. O Festival reúne artistas, ensembles e orquestras de reconhecido prestígio internacional e reforça a ligação entre a excelência artística, o património e a identidade do território.

A edição de 2026 representa mais um passo na afirmação deste evento, alargando a sua dimensão internacional através da cooperação cultural com Zamora e consolidando a presença de Bragança nos circuitos culturais ibéricos e europeus. Ao mesmo tempo, a criação do Bragança ClassicLab abre novas perspectivas para a formação, a criação artística, a investigação e a mediação cultural, ampliando o alcance e o legado do Festival.

O Município de Bragança orgulha-se de apoiar uma iniciativa que promove o acesso à cultura, incentiva a formação de novos públicos e contribui para afirmar Bragança como um destino cultural de excelência. Ao longo destas semanas, a música será motivo de encontro, partilha e inspiração, enriquecendo a vida cultural da nossa comunidade e de todos aqueles que nos visitam.

A todos os artistas, parceiros, organizadores e público, deixo uma palavra de reconhecimento e agradecimento por fazerem parte desta celebração da arte, da criatividade e do diálogo entre culturas.



Isabel Cristina Fernandes Rodrigues Ferreira
Presidente da Câmara Municipal de Bragança

A P R E S E N T A Ç Ã O



Após cinco edições marcadas pela excelência artística e pelo crescente reconhecimento, o Bragança ClassicFest – Festival Internacional de Música regressa em 2026.

Entendendo a Cultura como força transformadora, capaz de inspirar novos olhares, aproximar pessoas e contribuir para comunidades mais participativas e conscientes, o Bragança ClassicFest projecta-se para novos horizontes internacionais e aprofunda a sua missão educativa, promovendo a descoberta, a fruição, a aprendizagem e a partilha. Cada momento visa despertar a curiosidade, democratizar e enriquecer a vivência cultural, bem como contribuir para a formação e fidelização de públicos.

Sob a Direcção Artística de Filipe Pinto-Ribeiro, o programa é um convite ao encontro e à celebração da riqueza do património musical. Obras que atravessam séculos ganham vida, revelam a sua permanente actualidade e a singular capacidade de emocionar, inspirar e aproximar pessoas. A presença de solistas, ensembles e orquestras de reconhecido mérito nacional e internacional traduz a exigência artística que tem caracterizado o festival desde a sua criação.

A programação é enriquecida pelo Bragança ClassicLab, dedicado à criação, formação e mediação cultural – através de residências artísticas,

masterclasses, ensaios abertos, iniciativas educativas e projectos interdisciplinares –, proporcionando significativas experiências culturais partilhadas.

O Bragança ClassicFest envolve instituições e parceiros que (re)conhecem na Cultura um designio maior. O Teatro Municipal de Bragança expressa o seu mais profundo reconhecimento e gratidão a todos quantos contribuem para tornar possível esta celebração, endereçando um agradecimento muito especial a Sua Excelência o Presidente da República, pela honra da renovação do Alto Patrocínio.



João Cunha
*Director do Teatro
Municipal de Bragança*

A P R E S E N T A Ç Ã O

Na 6.ª edição, o **Bragança ClassicFest** reforça a sua posição como um dos mais relevantes festivais de música clássica em Portugal, apresentando uma programação de excelência internacional que reúne alguns dos mais prestigiados intérpretes, ensembles e orquestras europeias, consolidando-se como um espaço privilegiado de encontro entre património e criação artística, músicos consagrados e jovens talentos, promovendo o diálogo entre diferentes gerações, linguagens e tradições musicais e dirigindo-se a públicos cada vez mais amplos e diversificados.

A edição de 2026 marca uma nova etapa na história do Festival, ampliando a sua dimensão internacional através de uma parceria transfronteiriça com **Zamora**, onde terá lugar, no Teatro Principal, um concerto de apresentação da programação com obras de Haydn e Mozart, por um quinteto do **Juventus Ensemble** formado por jovens talentos com destacadas carreiras em ascensão, de nacionalidades portuguesa, grega e espanhola, aprofundando assim a cooperação cultural entre Portugal e Espanha e afirmando o ClassicFest num contexto artístico cada vez mais amplo.

Após os concertos de lançamento em Bragança e em Zamora, o ClassicFest inaugura-se no **Teatro Municipal de Bragança**, *alma mater* do Festival, com a estreia em Portugal

da prestigiada orquestra **Virtuosi del Teatro alla Scala**, de Milão, liderada pelo violinista austro-búlgaro **Mario Hossen**, em dois programas dedicados ao virtuosismo italiano, celebrando **Vivaldi** e **Paganini**. Segue-se, no **Dia Mundial da Música**, o ensemble português de música antiga **O Bando de Surunyo** que propõe uma viagem pelo esplendor da Música e Poesia do Século de Ouro Ibérico, enquanto um dos momentos mais aguardados da programação reúne a comediante **Maria Rueff** e o **DSCH – Schostakovich Ensemble**, composto por uma constelação de músicos de renome internacional, numa nova versão de **O Carnaval dos Animais**, de **Camille Saint-Saëns**, onde música, humor e teatro se encontram num espectáculo pensado para públicos de todas as gerações.

A programação inclui ainda um concerto ao ar livre pelo quinteto de metais **100 Caminhos**, um recital de piano integralmente dedicado à extraordinária obra de **Franz Liszt** e um **Concerto de Encerramento** celebrando o riquíssimo legado musical da Hungria pela aclamada **Orquestra de Câmara de Budapeste**, que, com mais de 200 CD gravados, encontra-se há mais de seis décadas na elite musical internacional.

2026 assinala igualmente o nascimento do **Bragança ClassicLab**, uma nova plataforma de criação artística, formação, investigação e

mediação cultural que prolongará a actividade do Festival ao longo do ano. Residências artísticas, masterclasses, ensaios abertos, projectos educativos e cruzamentos interdisciplinares constituem os pilares desta nova iniciativa, cuja primeira edição se realizará em dezembro e culminará com o espectáculo **Um Concerto de Natal**, reunindo músicos de renome mundial em torno da música de Schubert e Dvořák e da intemporal obra **Um Conto de Natal**, de Charles Dickens.

Mais do que um festival, o **Bragança ClassicFest** afirma-se, assim, como um projecto cultural de vocação internacional que promove a excelência artística, a formação de novos públicos, a valorização do património e o diálogo entre diferentes culturas.

O meu sincero agradecimento ao **Município de Bragança**, ao **Teatro Municipal de Bragança** e à **DSCH Associação Musical**, promotores e organizadores do Festival, bem como ao mecenas **BPI / Fundação “la Caixa”**, à **Direcção-Geral das Artes**, à **RTP Antena 2** e, especialmente, a **Sua Excelência o Presidente da República**, pelo **Alto Patrocínio** concedido. Agradeço igualmente a todos os artistas e colaboradores que, com dedicação e entusiasmo, contribuem para fazer do Bragança ClassicFest uma iniciativa cultural de reconhecido prestígio.

Sejam muito bem-vindos à 6.ª edição do **Bragança ClassicFest** – um Festival que celebra a música, o património, a criatividade, a excelência e o encontro entre culturas, afirmando Bragança, cada vez mais, como um palco de referência da vida musical internacional.



Filipe Pinto-Ribeiro
Director Artístico do
Bragança ClassicFest

12 SETEMBRO • SÁBADO • 18H

IGREJA DE SÃO FRANCISCO

13 SETEMBRO • DOMINGO • 20H

TEATRO PRINCIPAL DE ZAMORA (ESPANHA)

APRESENTAÇÃO E CONCERTOS DE LANÇAMENTO

Haydn & Mozart

JUVENTUS ENSEMBLE

TELMO COSTA Clarinete

ARIETA LIATSI Violino

ALFONSO PINTO-RIBEIRO Violino

GUSTAVO REBELO Viola

SOFÍA TORRES DURÁN Violoncelo

PROGRAMA

Joseph Haydn
(1732–1809)

**Quarteto de Cordas,
Opus 33 N.º 2, “A Anekdota”**

1. Allegro moderato
2. Scherzando. Allegro – Trio
3. Largo sostenuto
4. Finale. Presto

Wolfgang Amadeus Mozart
(1756–1791)

Quinteto com Clarinete, KV. 581

1. Allegro
2. Larghetto
3. Minuetto
4. Allegretto con variazioni

NOTAS AO PROGRAMA

Joseph Haydn, como Rossini, apreciava uma boa piada musical, e são inúmeros os exemplos quer nas sinfonias quer nos quartetos de cordas. E, se por vezes as piadas derivavam de contextos específicos (como o da célebre “Sinfonia da Surpresa”, cujo súbito “bang” da orquestra após alguns segundos de música embaladora teria sido – teria sido porque a história verdadeira revelar-se-á menos engraçada, mas esta versão correu mundo durante 150 anos... – destinado a acordar a audiência sonolenta após um jantar pesado), a maioria parece ter sido destinada apenas a divertir quer os seus cultos patronos, como os príncipes Esterházy, quer a audiência em geral. Algumas piadas, mais ligadas à estrutura musical e a elementos técnicos da música são, efectivamente, apenas percebidas por músicos, enquanto outras, mais imediatas (como a “Sinfonia do Pum”...), podem ser apreciadas por todos, caso da piada do último andamento deste quarteto, o Opus 33 n.º2, conhecido como “A Anekdota”. O hábito de dar às peças títulos evocativos, como “A Surpresa”, “O Urso”, “A Galinha”, “O Milagre”, terá surgido não somente por causa da crescente popularidade do compositor junto de um público mais alargado (é por volta de 1780 que o compositor se desliga para sempre dos seus patrões aristocratas e prossegue uma carreira de *free-lance*) como do elevado número de obras, cerca de 70 quartetos de cordas e 104

sinfonias. Convenhamos que é mais simples lembrarmo-nos de qual é a “Sinfonia da Surpresa” do que de qual é a n.º94...

A série de seis quartetos do Opus 33 coincide com este período de liberdade, e o n.º2, em particular, respira um ambiente descontraído desde o início. Um pormenor estrutural significativo é o 2.º andamento, normalmente um “minuetto”, (dança cortesã herdada do Barroco), usar antes um “scherzo”, à letra, “brincadeira”, mais rápido e leve. Beethoven, que estudará com Haydn, retomará a ideia, e o minuetto desaparecerá de vez. A segunda parte deste “scherzo”, “Trio” (o nome vem já do Barroco, por serem apenas 3 instrumentos a tocarem esta secção), possui já uma certa comicidade devido à “vulgaridade” da música, que evoca ambiências populares, mas é o último andamento que fará este quarteto célebre. Como era hábito em Haydn, o elemento popular mostra-se aqui de forma descarada. O andamento é uma espécie de “Jiga” rústica que, enganando por várias vezes os ouvintes, parece nunca acabar. Termina, parece... mas Haydn recomeça, depois introduz silêncios, até que, por fim, se ouve a cadência final... mas, esperem... não é! A música ainda continua, e, quando já desesperamos pelo final verdadeiro, ei-lo que aparece, suave, como se nada tivesse acontecido. Saímos assim do quarteto como que “À francesa”, e, tal como hoje, o público deve ter dado umas boas gargalhadas.

Já o *Quinteto com Clarinete* de Mozart, amigo de Haydn e, como ele, apreciador de uma boa piada, é uma obra sublime e, por vezes, melancólica, muito afastada de graçolas e da ligeireza do quarteto de Haydn. O clarinete era, em 1789 – quando Mozart escreve a obra em intenção do seu amigo clarinetista Anton Stadler, para o qual escreverá ainda um trio e o *Concerto para Clarinete*, todas as três obras-primas e marcos incontornáveis do instrumento ainda hoje – um instrumento novo na orquestra (só se estabelecerá nesta de forma regular a partir de Beethoven, por volta de 1800). Mozart é um dos primeiros compositores a perceber a versatilidade e beleza do instrumento, já então adoptado por músicos de rua, devido à sua fácil manutenção, sonoridade brilhante, fácil execução e baixo custo de fabrico. O interesse do compositor pelo clarinete vai até ao ponto de escrever uma segunda versão da célebre *Sinfonia n.º 40* em sol menor, que só tinha 2 oboés, 2 fagotes e uma flauta, para incluir, desta vez, 2 clarinetes...

Como a maioria das obras instrumentais da época, a sinfonia, a sonata ou o quarteto de cordas, o *Quinteto com Clarinete* estrutura-se em 4 andamentos (de destacar, não obstante a beleza de cada segundo de música, o sublime 2.º andamento e a segunda secção do Minueto!), sendo que, neste caso, e ao contrário do mais usual, o peso maior da peça não é dado ao 1.º andamento, mas, como será cada vez mais hábito no Romantismo e a partir de Beethoven, ao último andamento, o mais longo e complexo. Trata-se de um conjunto de variações

sobre um tema ligeiro, quase infantil, que Mozart submete aos prodígios da sua imaginação, passando por toda uma série de sentimentos e emoções que desafiam o tempo e que nos comovem ainda hoje.

Sérgio Azevedo
Compositor
e musicólogo

BIOGRAFIAS

JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo o seu nome na deusa da juventude da mitologia romana, o Juventus Ensemble (JuvE) é um projecto musical que tem como principal objectivo ser uma plataforma de criação e um catalisador de oportunidades para jovens músicos de reconhecido talento.

Fundado em 2022 por Filipe Pinto-Ribeiro, o Juventus Ensemble teve a sua estreia em Bragança, na Igreja de São Francisco, no âmbito do Festival Bragança ClassicFest, interpretando obras de Eurico Carrapatoso e Antonín Dvořák.

Agrupamento musical de geometria variável, o Juventus Ensemble tem promovido concertos e residências artísticas com a colaboração de artistas de renome mundial – tais como Pascal Moraguès, Jack Liebeck, Stephan Picard e Filipe Pinto-Ribeiro –, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais, com o intuito de acolher e valorizar

os melhores talentos emergentes do panorama musical.

Entre os jovens músicos que integraram os concertos do Juventus Ensemble, destacam-se os violinistas Amia Janicki, Arieta Liatsi, Xunyu Zhang, Alfonso Pinto-Ribeiro, Filipe Fernandes, Mălina Ciobanu e Laura Handler; os violetistas Francisco Lourenço, Sofia Silva Sousa, João Álvares Abreu e Gustavo Rebelo; os violoncelistas Matteo Fabi, Geirthrudur Gudmundsdottir, João Pedro Gonçalves e Sofia Torres Durán; o contrabaixista Rui Pedro Rodrigues; a cravista Rafaela Salgado; a oboísta Luísa Bandeira; os clarinetistas Telmo Costa e João Paiva; o trompista Luís Duarte Moreira; e a flautista Sónia Pais.

Em Fevereiro de 2023, o Juventus Ensemble apresentou a estreia mundial do Sexteto Dreaming and Thinking, do compositor norte-americano Bruce Adolphe, no âmbito do 2.º Ciclo Musical-Mente, no Mosteiro de São Bento da Vitória. Também em 2023, o Juventus Ensemble fez a sua estreia internacional com dois concertos no Festival de Musique de Prémery, em França.

O Juventus Ensemble tem direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura.





TELMO COSTA

Telmo Costa é Clarinetista Solista A Co-Principal da Orquestra Gulbenkian desde 2019. Paralelamente, é Co-fundador e Director Artístico do Ciclo de Música de Câmara de Santa Maria da Feira.

Licenciado em Artes Musicais, na vertente de Clarinete, pela Hochschule für Musik de Basileia (Suíça), é igualmente Mestre em Artes Performativas, tanto na especialidade de Solista como na de Performance, pela mesma instituição. Concluiu ainda o Mestrado em Ensino de Música na Escola Superior de Música de Lisboa. A sua formação foi orientada por prestigiados docentes como José Américo Belinha, Edgar Silva, Helder Tavares, Manuel Jerónimo e François Benda, tendo igualmente aprofundado os seus conhecimentos em diversas masterclasses com António Saiote, Nuno Pinto, Victor Pereira, Horácio Ferreira, Ricardo Alves, Juan Ferrer, Florent Héau, Kilian Herold, Harri Mäki e Johannes Peitz.

Foi laureado com vários prémios nacionais e internacionais, entre os quais se destacam: o 1.º Prémio no Concurso Luso-Espanhol de Fafe; o 1.º Prémio na International Clarinet Competition APC; o Golden Prize na Vienna International Music Competition; o 1.º Prémio na North International Music Competition; e o 1.º Prémio no Prémio Jovens Músicos. Neste último concurso recebeu ainda o Prémio Maestro Silva

Pereira, o Prémio European Union of Music Competitions for Youth e o Prémio Círculo Richard Wagner.

Ao longo da sua carreira, colaborou com várias orquestras, tanto de jovens como profissionais, entre as quais a Jovem Orquestra Portuguesa, o Estágio Gulbenkian para Orquestra, a Neue Philharmonie München, a Schweizer Jugend-Sinfonie-Orchester, a Gustav Mahler Jugendorchester, a Orquestra Filarmónica Portuguesa, a Koninklijk Concertgebouworkest e a Luzerner Sinfonieorchester, nesta última enquanto academista.

Em 2022 iniciou os seus estudos em Direcção de Orquestra sob a orientação do Maestro Jean-Marc Burfin. Desde então, participou em masterclasses com os maestros Ernst Schelle, Jean-Marc Burfin e Lawrence Foster, tendo dirigido a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra do Norte e a Orquestra Gulbenkian. Em 2024 foi nomeado Maestro Assistente da Jovem Orquestra Portuguesa e da Orquestra de Câmara Portuguesa para a temporada 2024/2025.

ARIETA LIATSI

Desde a sua estreia como solista aos 15 anos com a Orquestra Sinfónica Estatal de Salónica, Arieta Liatsi tem-se apresentado com orquestras como a Salzburg Soloists Orchestra e a University Orchestra Mainz. Apresentou-se em concertos em festivais como o Musiktage Mondsee, Attergauer Kultursommer, Klassik im Burghof, Kitzbüheler Sommerkonzerte e Festival dos Capuchos.

Arieta foi galardoada com inúmeros prémios em concursos na Grécia e noutros países.

Mais recentemente, foi distinguida com o Prémio Paul Roczek 2024 pela Universidade Mozarteum de Salzburgo.

© ANASTASIA REICHL



Nascida em 2001 em Salónica, Grécia, Arieta iniciou as suas aulas de violino aos seis anos no Conservatório de Salónica, onde obteve o diploma de violino (com distinção e primeiro prémio) sob a orientação de Andreas Papanikolaou e Iren Topouria. Continuou os seus estudos na Universidade Mozarteum de Salzburgo, onde concluiu a licenciatura e o mestrado sob a orientação do Professor Benjamin Schmid.

Participa regularmente em festivais como o Casalmaggiore International Festival, IMS Prussia Cove, Encuentro de Música de Santander, Hellensmusic, Kalamata International Music Days e o Verão Clássico de Lisboa (2.º prémio), apresentando-se ao lado de músicos de renome, como Julien Quentin, Benjamin Schmid, Bruno Deleplaire, Matthias Bartolomey e Ariane Haering.

Para além dos seus estudos formais, frequentou masterclasses com músicos consagrados como Leonidas Kavakos, Christoph Poppen, Mihaela Martin, Josef Špaček, Mischa Maisky, Jonian Ilias Kadesha, Ilya Grubert, Stephan Picard, Kurt Nikkanen, Noe Inui e George Demertzis.

Arieta apresenta-se regularmente em vários países, incluindo a Grécia, Áustria, Alemanha, Itália, Portugal, França, Polónia, Japão e Reino Unido.

Entre 2021 e 2024, fundou e fez parte do Trio Callas e, actualmente, é concertino do ARCO Ensemble, que é especializado em música contemporânea.



ALFONSO PINTO-RIBEIRO

Alfonso Pinto-Ribeiro nasceu no Porto, em 2005.

Teve as primeiras aulas de piano aos quatro anos com a sua mãe, a pianista Rosa Maria Barrantes, e iniciou os estudos de violino aos sete anos.

Estudou na Academia de Música de Santa Cecília, em Lisboa, com Denis Stetsenko e Lúcia Soares, continuando os seus estudos de violino no Conservatório Nacional de Lisboa, com Joana Cipriano.

Actualmente, prossegue os seus estudos superiores na Universidade Mozarteum de Salzburgo, na Áustria, uma das mais prestigiadas instituições de ensino musical a nível mundial, na classe da Professora Esther Hoppe.

Foi laureado em vários concursos de violino, tendo recebido o 1.º Prémio

no Concurso “Vechi Costa” em 2021 e o 1.º Prémio ex aequo no Festival Verão Clássico em 2025 e 2026.

Participou em várias masterclasses de violino com professores de referência internacional, como Ana Chumachenko, Mihaela Martin, Pavel Vernikov, Eszter Haffner, Svetlana Makarova e Jack Liebeck, entre outros. Estudou ainda com Mateja Marinkovic, em Belgrado, com Stephan Picard, em Berlim, e com Lily Francis, em Salzburgo. No âmbito da música de câmara, trabalhou sob a orientação de Miguel da Silva, Lars Anders Tomter e Cibrán Sierra Vázquez.

Apresentou-se em diversos concertos, sendo de destacar a participação no Festival Verão Clássico, em Lisboa, no Festival Cidnay, no Vale do Ave, no Festival Bragança ClassicFest e no Festival de Musique de Prémery, em França.

Alfonso toca um violino construído pelo prestigiado luthier francês Christian Bayon, em 2020.

GUSTAVO REBELO

Gustavo Rebelo nasceu em 2001 e iniciou os seus estudos musicais aos 8 anos de idade, no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, em Aveiro. Actualmente, frequenta a classe do Prof. William Coleman na prestigiada Universidade Mozarteum de Salzburgo, na Áustria. Os seus estudos são também frequentemente orientados pela Prof. Ana Bela Chaves.

Desde 2022, é bolseiro da fundação “Yehudi Menuhin Live Music Now”, em Salzburgo.

Gustavo participou em vários concursos de música nacionais e internacionais, tendo recebido distinções como o 1.º prémio nos “Golden Classical Music Awards” (E.U.A.), juntamente com um convite para tocar no Weill Recital Hall, o 1.º prémio no Concurso “Paços’ Premium” (Portugal), o 2.º prémio no Concurso Internacional de Cordas de Vigo (Espanha), o 2.º prémio no Festival Verão Clássico, entre outros.

Ao longo da sua carreira académica, participou em várias masterclasses e cursos, orientados por professores como Miguel da Silva, Francien Schatborn, Tatjana Masurenko, Maté Szucs, Leo De Neve, Gérard Caussé, Hariolf Schlichtig, Kim Kashkashian, Thomas Riebl, William Coleman, Lars Anders Tomter, Nobuko Imai, Hartmut Rohde, Wilfried Strehle e Ana Bela Chaves.

No campo da música de câmara, os seus estudos receberam impulsos significativos de pedagogos e músicos como Ana Bela Chaves, William Coleman, Lars Anders Tomter, Cibrán Sierra Vázquez, Oliver Wille e Rainer Schmidt, tendo integrado concertos do Agon Ensemble (Itália) e do Juventus Ensemble (Portugal), entre outros.

Ao longo dos seus estudos, colaborou com várias orquestras juvenis e orquestras profissionais como a München Bach-Orchester, a München Chamber Orchestra, a Bayerisches Kammerorchester Bad Brückenau, a Kammerphilharmonie Landshut e a Philharmonie Salzburg.





SOFÍA TORRES DURÁN

Natural de Jerez de la Frontera, Sofia Torres Durán começou a tocar violoncelo aos cinco anos. Os seus estudos com Álvaro Serrano, Benjamín, Orna Carmel e Israel Fausto, em Jerez e Sevilha, e posteriormente com Fernando Arias, em Saragoça, levaram-na a concluir a licenciatura e o mestrado, com o Professor Matthias Bartolomey, na Universidade Mozarteum de Salzburgo.

Recebeu ainda orientação de professores como Heidi Litschauer, Suzanne Stefanovic, María de Macedo, Gary Hoffman, Wen-Sinn Yang, Reinhard Latzko, Troels Svane, Julian Steckel, Clemens Hagen e Enrico Bronzi, entre outros.

Foi premiada no Concurso Jovens Promessas do Violoncelo «Jaime

Donato Benavente», no Concurso Soncello para Jovens Violoncelistas e no Concurso de Violoncelo Prémio Gustav Mahler, entre outros. Estes reconhecimentos levaram-na a apresentar-se em salas e festivais como o Teatro de la Maestranza de Sevilha, a Sala Mozart do Auditório de Saragoça, o MuTh de Viena, a Grande Sala do Festspielhaus de Salzburgo, o Brucknerhaus de Linz, o Muziekgebouw de Amesterdão, o Festival Styriarte de Graz e o Festival Herbsttöne de Salzburgo.

Ao longo da sua carreira como solista, trabalhou com maestros de renome como Manuel Hernández-Silva, Domingo Hindoyan, Pablo González, Lucía Marín e Elim Chan, entre outros. Em 2023, teve a oportunidade de colaborar com a World Orchestra for Peace, sob a direcção de Sir Karl Jenkins, por ocasião da estreia de One World.

Sofía tocou também com músicos reconhecidos como o seu mentor Cibrán Sierra-Vázquez (Quarteto Quiroga), Lluís Claret, Pablo Ferrández, Javier Perianes e Gregory Ahss.

É membro do Trio Egon, fundado em 2023 e finalista do concurso Felix Mendelssohn Bartholdy, em Berlim.

Recentemente, estreou-se como solista no prestigiado Festival Mozartwoche, com a Orquestra Sinfónica Académica Mozarteum, bem como concertos com a orquestra Philharmonie Salzburg, interpretando o Concerto para Violoncelo de Antonín Dvořák.

Sofía toca num violoncelo de estilo «Cannone Paganini», construído em 2018 pelo luthier Urs W. Mächler.



26 SETEMBRO • SÁBADO • 21H
27 SETEMBRO • DOMINGO • 17H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

CONCERTOS DE ABERTURA

Vivaldi & Paganini

ORQUESTRA “VIRTUOSI DEL TEATRO ALLA SCALA” DE MILÃO
MARIO HOSSEN Violino e Direcção Musical

PROGRAMA

Antonio Vivaldi (1678–1741)	1ª Parte Concerto “A Primavera”, RV 269 1. Allegro 2. Largo 3. Allegro
	Niccolò Paganini (1782–1840) “I Palpiti” Variações sobre uma ária da ópera “Tancredi” de Rossini, M.S. 77
	Antonio Vivaldi Concerto “O Inverno”, RV 297 1. Allegro non molto 2. Largo 3. Allegro
Niccolò Paganini	Rondo “Il Campanello”, M.S. 67/1
Antonio Vivaldi	2ª Parte Concerto “O Outono”, RV 293 1. Allegro 2. Adagio molto 3. Allegro
	Niccolò Paganini Sonata “Preghiera” para uma corda só, sobre um tema da ópera “Mosè in Egitto” de Rossini, M.S. 23
	Antonio Vivaldi Concerto “O Verão”, RV 315 1. Allegro non molto 2. Adagio – Presto 3. Presto

NOTAS AO PROGRAMA

Este programa confronta duas épocas gloriosas da música italiana para cordas, nomeadamente para o violino. Itália será, efectivamente, o berço da música instrumental moderna, música essa que, até bem entrado o século XVIII, e ainda em grande parte do XIX, repousará no predomínio das cordas sobre os restantes instrumentos. Será também a música de violino, com Paganini, que influenciará todos os virtuosos do Romantismo, a começar pelos compositores-pianistas, como Schumann, Chopin, Liszt e Brahms, não somente pela técnica mirabolante do italiano como pela sua atitude em palco. Na verdade, Liszt, o “inventor” do recital de piano moderno e da figura do “virtuoso” extrovertido e exibicionista, “roubou” a Paganini quase tudo.

Vivaldi, e os seus quase 500 concertos para todos os instrumentos que se possam imaginar, deixará cerca de 350 para instrumentos a solo e orquestra de cordas, e destes, cerca de 230 para violino, proeza quase inimaginável pelos padrões actuais. Porém, e sem desmerecer o trabalho afincado de Vivaldi, justo é dizer que as obras desta altura, normalmente em 3 andamentos, duravam apenas uma média de cerca de 10 minutos, e a função da orquestra era, basicamente, a de acompanhadora do solista, sendo que o reduzido número de instrumentos também facilitava a tarefa. É muito diferente escrever uma sinfonia complexa de uma hora de duração para grande orquestra,

seja como for, e essa também será uma das razões – não a única, mas uma das principais – para que a produção dos compositores a partir de Beethoven se vá, na generalidade, reduzindo.

Stravinsky, que nos anos 20 – altura em que a música de Vivaldi e dos restantes mestres barrocos italianos estava em franca ressurreição histórica – seguirá um percurso neoclássico, até influenciado por essa mesma música italiana, terá dito acerca da vasta produção de Vivaldi uma “boutade” célebre: “Vivaldi não escreveu 400 concertos, escreveu apenas um, mas repetiu-o 400 vezes!”

Esta ideia de uma repetição mecânica, industrial, por parte de Vivaldi, se não é totalmente falsa (até ao século XIX, a necessidade de escrever muito, para ganhar dinheiro suficiente, é um fardo), é, porém, injusta, uma vez que Vivaldi, se usa fórmulas de vária ordem (rítmicas e harmónicas) e se relega complexidades, como o contraponto, para segundo plano, demonstra ao mesmo tempo uma extraordinária imaginação sonora, uma virtuosidade e uma invenção melódica e rítmica que, em particular nas *4 Estações*, a sua obra mais célebre, perdoam por completo os aspectos mais maquinais da sua música, ontem, como hoje, muitíssimo apreciada e tocada. E, se a dita “música antiga” (de Bach para trás) só começará a ser novamente tocada e apreciada em meados do século XIX,

e se o “boom” neoclássico se dará, como referimos, apenas nos anos 20 e 30 do século XX, o que é certo é que, acontecido esse “boom”, Vivaldi avultará dele como o compositor mais popular de todos. As *4 Estações*, publicadas em 1725 e englobadas numa colecção de doze concertos intitulada *Il cimento dell’armonia e dell’invenzione* (“O conflito entre a Harmonia e a Invenção”) representam um exemplo pioneiro de música orquestral programática, algo que os Românticos explorarão de forma sistemática. Cada concerto e cada andamento possui títulos que remetem para cenas muito específicas, como, no 1º andamento de *A Primavera*, “O cantar dos pássaros e o murmúrio dos riachos”, e que originam, particularmente nas cadências do solista, imitações extraordinárias de animais e ruídos naturais. Cada concerto é ainda precedido de um soneto, presumivelmente também da mão de Vivaldi, que fornece o “programa” detalhado.

Já Paganini, quase 100 anos depois de Vivaldi, levará o violino ao seu auge, sendo o “pai” da moderna técnica do instrumento. Amigo e admirador de Rossini, Paganini escreverá várias variações de virtuosidade sobre temas das óperas do compositor, não pretendendo com elas obter uma profundidade musical extrema mas antes espantar os ouvintes com as proezas da sua técnica magistral e, à época, inaudita. Qualquer uma das três peças deste programa, incluindo a celeberrima *Campanella* (“Sininho”) mostra bem o impacto de Paganini não somente

no mundo do violino como no mundo da virtuosidade. Há um antes e um depois de Paganini, seja em que instrumento for e, ainda hoje em dia, dizer-se de um, ou de uma, violinista que este ou esta “É um Paganini” continua a ser um truísmo!

Sérgio Azevedo
*Compositor
e musicólogo*

BIOGRAFIAS

ORQUESTRA “VIRTUOSI DEL TEATRO ALLA SCALA” DE MILÃO

A orquestra “Virtuosi del Teatro alla Scala”, de Milão, reúne destacados músicos do Teatro alla Scala e da Filarmonica della Scala, duas das mais prestigiadas orquestras italianas, tendo como missão divulgar a grande tradição da música instrumental virtuosística, com especial enfoque no repertório italiano.

Com o objectivo de alcançar o mais elevado nível artístico, o agrupamento integra instrumentistas de primeira categoria, alguns dos quais desenvolvem importantes carreiras solísticas e gozam de amplo reconhecimento internacional.

O seu repertório, vasto e versátil, abrange grandes obras do Barroco, do Classicismo e do Romantismo, estendendo-se também à música contemporânea. A sua discografia

inclui gravações em CD e DVD para as editoras Amadeus, Brilliant, Limen e Sony.

Os “Virtuosi del Teatro alla Scala” apresentam-se regularmente em prestigiados festivais e salas de concerto, tanto em Itália como internacionalmente. Entre os palcos que os receberam destacam-se o Musikverein, em Viena; o Teatro alla Scala, em Milão, onde actuam regularmente; o Teatro Ristori, em Verona; o Teatro Petruzzelli, em Bari; o Teatro Verdi, em Pisa; e a Ópera de Riga.

O agrupamento tem participado igualmente em importantes festivais europeus, entre os quais o World’s Chamber Orchestras Festival, em Moscovo; o IMG Tuscan Sun Festival, com a soprano Danielle de Niese; o Festival de Bolonha, onde interpretou o Stabat Mater de Boccherini, posteriormente editado em CD ao vivo pela Sony; os festivais de Varna e de

Sófia, na Bulgária; e o Festival de Páscoa Beethoven.

Os “Virtuosi del Teatro alla Scala” são também regularmente convidados para concertos associados a ocasiões especiais. Apresentaram-se em Cremona, no Museu do Violino, por ocasião do Stradivari Memorial Day

@FABIO GROSSO



2016; na inauguração do Museu Renata Tebaldi, no Teatro Verdi, em Busseto; em Cortina d'Ampezzo, onde participaram, em duas edições distintas, no Grande Concerto da Epifania.

Em 2011, foram convidados pela Embaixada de Itália em Varsóvia para encerrar as celebrações do 150.º aniversário da Unificação Italiana. Durante a pandemia de Covid-19, gravaram no Teatro alla Scala, em Milão, um concerto posteriormente transmitido pela televisão pública polaca.

Ao longo de cerca de duas décadas de actividade, os “Virtuosi del Teatro alla Scala” têm levado aos palcos internacionais uma tradição interpretativa profundamente ligada ao Teatro alla Scala de Milão, conjugando excelência instrumental, virtuosismo e uma particular dedicação à grande herança musical italiana.



@OSKAR SCHMIDT



MARIO HOSSEN

O violinista austro-búlgaro Mario Hossen é considerado um dos grandes virtuosos dos nossos dias e um dos principais intérpretes da música de Paganini. Como solista aclamado internacionalmente, Hossen tocou com orquestras de renome, como a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Viena, a Orquestra della Scala di Milano, Academy of St. Martin in the Fields, English Chamber Orchestra, a Sinfónica Tchaikovsky de Moscovo, entre muitas outras.

Elogiado pelo seu virtuosismo ímpar e pela presença carismática em palco, Hossen toca um repertório que vai do Renascimento à música contemporânea e ao jazz.

Recebeu vários prémios de prestígio, entre eles o Prémio Cidade de Sófia – Músico do Ano.

Mario Hossen é director artístico do Festival Internacional de Varna, o mais antigo festival de música da Bulgária, fundado em 1926 e recentemente premiado pela Associação Europeia de Festivais.

Os seus esforços musicológicos e artísticos estão focados, entre outros temas, na pesquisa sobre Paganini. Hossen editou a obra completa de Paganini para violino solo e para violino com orquestra, que está disponível como edição histórico-crítica pela editora austríaca Doblinger.

Gravou vários álbuns aclamados com a estreia mundial das peças mais famosas de Paganini na sua versão original, editadas pela principal editora italiana “Dynamic”.

Os seus álbuns mais recentes incluem as sonatas para violino e piano de Beethoven, os concertos para violino de Paganini e Bruch e as sonatas para violino e cravo de Bach, gravadas em conjunto com o cravista Piero Barbareschi.

Mario Hossen toca num violino construído por G. B. Guadagnini em 1749, cedido para o seu uso exclusivo pelo Banco Nacional da Áustria.

1 OUTUBRO • QUINTA-FEIRA • 21H00

IGREJA DE SÃO FRANCISCO

DIA MUNDIAL DA MÚSICA

Música e Poesia do Século de Ouro Ibérico

O BANDO DE SURUNYO

HUGO SANCHES Alaúde, Guitarra e Direção Musical

EUNICE ABRANCHES D'AGUIAR Soprano

PATRÍCIA SILVEIRA Alto • CARLOS MEIRELES Tenor

SÉRGIO RAMOS Baixo • XURXO VARELA Viola da Gamba

PROGRAMA

Mateo Flecha, o Velho (1481-1553)	I. Da Água e do Fogo El fuego (ensalada a 4)
Cancioneiro de Upsala (1566)	II. Dos Amores Humanos Soy serranica (vilancete a 4)
Cancioneiro de Elvas (séc. XVI)	Mirad que negro amor (terceto a 3)
Cancioneiro de Paris (séc. XVI)	Não tragais borzeguis pretos (vilancete a 3)
Francisco Guerrero (1528-1599)	III. Do Amor Divino Todo quanto pudo dar (vilancete a 4)
Pedro de Escobar (c. 1465-c. 1535)	Clamabat autem mulier cananea (motete a 4)
Cancioneiro de Palácio (séc. XV-XVII)	IV. Dos Amores Proibidos Que me queréis, caballero? (vilancete a 3)
Juan del Encina (1468-1529/30)	Cucú (vilancete a 4) Fata la parte (vilancete a 4)
Mateo Flecha, o Velho	V. Da Condição Humana La bomba (ensalada a 4)

NOTAS AO PROGRAMA

No alvor da modernidade, toda a Europa assistiu a um estreitamento do laço entre a música e a palavra: a poesia fazia-se para ser cantada, e a música compunha-se a partir do verso. A Península Ibérica não é excepção – e oferece, neste domínio, um quadro particularmente rico. Ao longo dos séculos XVI e XVII, Portugal e Espanha formavam uma unidade cultural que ultrapassava as fronteiras políticas: poetas, textos e melodias circulavam livremente entre os dois reinos, tendo o castelhano como língua franca – mas de modo algum exclusiva. Cantava-se o que se escrevia, e escrevia-se para ser cantado; e é esse mundo – de amor e de desengano, de devoção e de riso, repartido entre a corte, a igreja e o teatro – que este programa procura restituir.

O som colocava-se ao serviço do texto: esculpida em torno do verso, a música veiculava-o, ilustrava-o e potenciava-lhe o conteúdo poético e afectivo, moldando-se às suas inflexões e prolongando a sua emoção para além das próprias palavras. Como um bom orador, o compositor ibérico perseguia o antigo ideal ciceroniano – docere, delectare, movere: ensinar, deleitar e, sobretudo, comover. É essa eloquência, feita de palavra e de som, que aqui se dá a ouvir.

O percurso atravessa os grandes registos poéticos do tempo. O amor humano e os seus enganos ecoam nos cancioneros peninsulares – de Palácio, de Upsala, de Elvas e de

Paris –, onde a ternura convive com a graça satírica e o jogo verbal tão caros à época, e onde o engenho de Juan del Encina atinge alguns dos seus momentos mais felizes. A este amor terreno responde o divino, na prodigiosa polifonia sacra de Pedro de Escobar: o seu Clamabat autem, tido no seu tempo por «príncipe dos motetes» e prescrito para o final do Auto da Cananeia de Gil Vicente, afirma-se como eloquente símbolo da capacidade transformadora da mulher, que derruba obstáculos aparentemente intransponíveis.

A abrir e a fechar o concerto, a exuberância teatral das ensaladas de Mateo Flecha – verdadeiras colagens de géneros, estilos e idiomas – reúne num só fôlego o sério e o cómico, o sagrado e o profano, o latim e a rua, oferecendo o mais eloquente escaparate da riqueza poética e musical do género. São apenas alguns exemplos da fascinante e multicolorida paleta de música e poesia partilhada por Portugal e Espanha no Siglo de Oro. Estas obras conservam, volvidos mais de quatro séculos, intacta a sua capacidade de encantar, divertir e comover... tão viva hoje como nos tempos em que primeiro se escutaram.

Hugo Sanches

O BANDO DE SURUNYO

O Bando de Surunyo é um ensemble especializado na interpretação de música dos séculos XVI e XVII. O nome é retirado de um vilancico seiscentista português e significa “bando de estorninhos”. O ensemble é a frente interpretativa e laboratorial de um projecto multidisciplinar que incide particularmente sobre repertório inédito albergado por fontes portuguesas, apresentando em quase todos os seus concertos obras inéditas em primeira audição moderna. O projecto abrange, porém, música tanto de aquém como de além-fronteiras, tendo como objectivo proporcionar ao público, através da música e da poesia, o contacto com a pluralidade, ecletismo e riqueza do pensamento e imaginário do renascimento e barroco europeu.

Os nossos concertos são preparados sobre uma rigorosa base de investigação musicológica e no estudo aprofundado do contexto histórico e cultural

da música que interpretamos. Todas as obras são preparadas directamente a partir dos manuscritos ou impressos originais e interpretadas utilizando instrumentos e práticas interpretativas historicamente informadas.

A íntima relação entre som e palavra que emerge na música na transição do Quinhentos para o Seiscentos é o eixo central da abordagem d'O Bando de Surunyo ao estudo e interpretação do repertório. O som colocava-se então ao serviço do texto, veiculando, ilustrando e potenciando o seu conteúdo poético e afectivo. A transmissão eficaz e eloquente desse conteúdo nas suas múltiplas leituras e funções – literal, teatral, histórica, simbólica, religiosa, política e filosófica – constitui a base para a construção de uma concepção interpretativa que persegue hoje o mesmo objectivo da música de então: divertir e comover o público através da palavra, do gesto e do som. Todo o projecto assume, pois, um alcance

estético e comunicativo alargado onde, fazendo uso de práticas interpretativas e sonoridades históricas, se procura criar um objecto artístico pertinente e significativo para o público de hoje.

**HUGO SANCHES**

Hugo Sanches é doutorado com distinção e louvor em Estudos Musicais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre e licenciado em Interpretação Musical (música antiga - alaúde) pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE, Porto), e pós-graduado em Psicologia da Música pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Reparte a sua actividade entre a interpretação, o ensino e a investigação, especializando-se em música dos séculos XVI e XVII nos domínios tanto da prática interpretativa como da teoria e pensamento estético e filosófico.

É professor adjunto na ESMAE (Porto) e, presentemente, coordenador do Curso de Música Antiga da ESMAE.

É também investigador integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se dedica sobretudo ao estudo, edição e interpretação do repertório musical ibérico inédito do século XVII.

3 OUTUBRO • SÁBADO • 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

MÚSICA & HUMOR

O Carnaval dos Animais

MARIA RUEFF Narração

DSCH — SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

FILIPPE PINTO-RIBEIRO e ROSA MARIA BARRANTES Pianos

THORSTEN JOHANNIS Clarinete • SÓNIA PAIS Flauta

PHILIPPE GRAFFIN e ALFONSO PINTO-RIBEIRO Violinos

RĂZVAN POPOVICI Viola • CLAUDIO BOHÓRQUEZ Violoncelo

TIAGO PINTO-RIBEIRO Contrabaixo • SOFIA COSTA Percussão

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart
(1756–1791)

1ª Parte

Quarteto para Flauta N.º 1, K. 285

1. Allegro
2. Adagio
3. Rondeau (Allegretto)

Rodion Shchedrin
(1932–2025)

Three Funny Pieces

1. Conversation
2. Let's Play an Opera by Rossini!
3. Humoresque

Dmitri Shostakovich
(1906–1975)

5 Peças para Violino, Viola e Piano

1. Prelude
2. Gavotte
3. Elegy
4. Waltz
5. Polka

Srul Irving Glick
(1934–2002)

The Klezmer's Wedding

Camille Saint-Saëns
(1835–1921)

2ª Parte

O Carnaval dos Animais
— Grande Fantasia Zoológica*

1. Introdução e Marcha Real do Leão
2. Galinhas e Galos
3. Hemíonios (Animais Velozes)
4. Tartarugas
5. O Elefante
6. Cangurus
7. Aquário
8. Personagens de Orelhas Compridas
9. O Cuco no Fundo do Bosque
10. Gaiola
11. Pianistas
12. Fósseis
13. O Cisne
14. Final

* TEXTOS DE FRANCIS
BLANCHE (1921–1974); NOVA
VERSÃO BASEADA NA
TRADUÇÃO DE ANTÔNIO
MEGA FERREIRA (1949–2022)

NOTAS AO PROGRAMA

Embora Mozart tenha afirmado, numa carta ao pai, que não gostava da sonoridade da flauta, escreveu para o instrumento algumas obras de grande qualidade e inspiração, caso dos quatro *Quartetos com Flauta*, dos quais o primeiro, em Ré Maior, é o mais apreciado. Concluído no dia de Natal de 1777, em Mannheim, foi encomendado por Ferdinand De Jean, um flautista holandês amador e, não obstante as circunstâncias adversas, nele Mozart prodigalizou o melhor de si mesmo, inventando temas memoráveis para todos os três andamentos e, para o andamento lento, a imitação de uma serenata acompanhada à guitarra ou ao bandolim, através do uso exclusivo de “pizzicati” nas cordas e de uma melodia de cariz vocal na flauta. Podemos especular que a “joie de vivre” (alegria de viver) desta música, e a vocalidade das melodias, malgrado o amador e a sua flauta, terão resultado do facto de que o jovem Mozart, com apenas 21 anos, que visita a família Weber pela primeira vez, se apaixonará por uma das filhas do casal Weber, a bela soprano Aloysia, à qual dará

aulas de canto e com a qual pensará casar-se. As coisas não correrão bem, mas, neste Natal de 1777, tudo é possível ainda, e a música reflecte esse sentimento.

As Três Peças Cómicas (1981–87) de Rodion Shchedrin (1932–2025) derivam de três peças de piano anteriores: a muito interpretada *Humoreske* (1957) e duas peças do *Álbum para a Juventude* (1981). Shchedrin foi, com Alfred Schnittke, um dos herdeiros espirituais de Dmitri Shostakovich (1906–1975) que, ainda que obrigado a um Realismo Socialista tácito, conseguiu quebrar barreiras estéticas e incorporar elementos vanguardistas na sua música, sendo que, e tal como Shostakovich, Shchedrin usou frequentemente elementos paródicos nas suas obras. Nestas três miniaturas, a mais evidentemente cómica é a segunda, que macaqueia de forma hilariante os tiques operáticos rossinianos, nomeadamente os excitantes finais à base de acelerandos com crescendo.

Também Shostakovich, como Mozart e Shchedrin, oscilará constantemente

entre peças da maior profundidade e tragédia com outras que revelam o seu lado infantil, brincalhão ou, simplesmente, bem-humorado.

Não só Schostakovich escreveu inúmeras peças ligeiras ou mais descontraindas, como autorizou arranjos de várias outras, como é aqui o caso das 5 Peças, uma muito apreciada suite extraída pelo amigo Levon Atovmyan a partir de obras escritas para contextos mais funcionais ou recreativos, como a música de cinema e de teatro, de bailado e, ainda, a que Schostakovich dedicou aos desenhos animados.

Srul Irving Glick (1934–2002) foi um dos mais prolíficos compositores canadianos. De origem judaica, a sua música ficou ligada à exploração do universo da riquíssima tradição da música Klezmer (que significa, numa aglutinação de duas palavras hebraicas, “veículo do som”), bem como ao canto de sinagoga, tendo recebido vários prémios neste contexto. *The Klezmer's Wedding*, escrita em 1996 para um trio que inclui os dois instrumentos mais característicos da música judaica, o violino e o clarinete, é porventura a sua peça mais tocada e conhecida e a obra utiliza todos os efeitos da música Klezmer, nomeadamente a distorção da sonoridade do clarinete e do violino (instrumentos que, ao contrário do piano, conseguem alterar a afinação enquanto tocam), características que revelam a origem oriental desta música.

O – oficialmente – circunspecto Camille Saint-Saëns, teve uma vida longa, saudável e rica de honrarias. Uma vida com os seus recantos secretos, é certo, mas uma vida sem preocupações de maior. Da sua vasta produção (cerca de 300 obras), apenas uma pequeníssima parte sobrevive hoje em dia nas salas de concerto. Apenas uma das treze óperas, um dos cinco concertos para piano, o concerto para violoncelo e a terceira

Sinfonia, para além de *O Carnaval dos Animais* e de um punhado de curtas obras são visitantes regulares das temporadas, e tal dever-se-á à personalidade do compositor. Menino-prodígio no piano e na composição, Saint-Saëns nunca ousou desafiar as normas da época, tendo escrito sempre uma música “bem-comportada”, raras vezes original ou inovadora, e muitas vezes de um academismo que, dada a data tardia do seu falecimento (1921) e a manutenção de um estilo que nunca sofreu mudança alguma que reflectisse a evolução dos tempos, tornara a sua música completamente obsoleta. *O Carnaval dos Animais*, escrito aos 51 anos, demonstra não só um compositor maduro como uma parte da personalidade de Saint-Saëns que julgáramos inexistente. De tal forma é esta obra uma grande e genial piada musical que o compositor interditou até à morte a sua publicação e consequentes execuções públicas, à excepção de *O Cisne*, o único andamento verdadeiramente “sério”, e um “hit” desde a estreia, tendo ficado associado à grande bailarina russa Anna Pavlova (1881–1931) que o tomou para si e dele fez a sua “assinatura” balética.

De resto, Saint-Saëns goza, com bonomia, tudo e todos: dos irritantes aprendizes de piano aos críticos musicais asininos, do célebre *Can-can* de Jacques Offenbach que enlouquecia salas e cabarets à música de Berlioz (que, já agora, apreciava) e à sua própria música, tudo vai na enxurrada zoológica que, hoje em dia, é frequentemente associada a textos satíricos, dos quais um dos mais conhecidos é o do poeta e humorista francês Francis Blanche (1921–1974), e cuja tradução portuguesa de António Mega Ferreira serve de base para uma nova versão que será narrada neste concerto.

Sérgio Azevedo
Compositor e musicólogo

BIOGRAFIAS

MARIA RUEFF

Formada na Escola Superior de Teatro e Cinema, é uma actriz de quem se pode dizer, com plena propriedade, tratar-se de uma comediente.

Estreou-se como profissional em 1991, sob a direcção de Armando Cortez, no Teatro Villaret. Desde então, a sua carreira tem sido ascendente, com presença destacada em vários programas de televisão, filmes e peças de teatro.

A colaboração com Herman José, longa e profícua, tem gerado personagens como nunca se tinham visto em Portugal interpretadas por

uma mulher, das quais Zé Manel Taxista é, porventura, a mais longeva. Ao longo da carreira, recebeu diversos prémios e distinções pelo contributo à cultura e às artes.

Com uma presença carismática e inteligente, é uma das figuras mais respeitadas do panorama artístico português.

Foi agraciada com o grau de Oficial da Ordem do Mérito pelo Presidente da República Jorge Sampaio, em 1999.

© PEDRO CASTANHEIRA





DSCH SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

Fundado em 2006, o DSCH – Schostakovich Ensemble é considerado um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional.

Sediado em Lisboa desde a sua criação pelo director artístico Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH é um ensemble de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência.

Deve o seu nome ao compositor Dmitri Schostakovich, numa homenagem aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano em que o DSCH iniciou a sua actividade. Desde então, apresentou-se em várias temporadas e festivais de prestígio, na Europa, nos EUA e na Austrália.

O vasto repertório do DSCH integra obras de compositores de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, de Shostakovich a Sofia Gubaidulina, compositora com a qual o Ensemble estabeleceu uma estreita colaboração.

Tem contado com a participação de alguns dos músicos mais relevantes do nosso tempo, como José van Dam, Pascal Moraguès, Esther Hoppe, Christian Poltéra, Lars Anders Tomter, Gary Hoffman, Gérard Caussé, Corey Cerovsek, Renaud Capuçon, Viviane Hagner, Adrian Brendel, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Liza Ferschtman, entre muitos outros.

Desde 2006, alguns dos concertos do Schostakovich Ensemble foram gravados e transmitidos pela RTP Antena 2 e pelo canal de televisão francês Mezzo.

Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH – Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses, como é o caso de Luís Tinoco, Eurico Carrapatoso, Andreia Pinto Correia, Sérgio Azevedo e Carlos Azevedo.

A discografia do DSCH inclui a primeira gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Dmitri Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Ludwig van Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional.

No final de 2026, o DSCH – Schostakovich Ensemble lançará um novo álbum com obras de Franz Schubert e Antonín Dvořák, assinalando os seus 20 anos de carreira.

FILIFE PINTO-RIBEIRO

Filipe Pinto-Ribeiro é amplamente reconhecido como um dos mais destacados artistas portugueses das últimas décadas, tendo alcançado notável projecção internacional enquanto pianista solista, músico de câmara e director artístico.

Natural do Porto, diplomou-se e doutorou-se em 2000 pelo Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou durante 5 anos sob a orientação da prestigiada pedagoga Lyudmila Roschina. Desde então, tem desenvolvido uma carreira intensa, apresentando-se nas mais reputadas temporadas de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceânia.

Apelidado de “poeta do piano”, distingue-se pela mestria com que percorre um repertório vastíssimo, de que é reflexo a sua vasta e aclamada discografia. Estreou e foram-lhe dedicadas obras de vários compositores portugueses e estrangeiros.

Enquanto solista, apresentou-se com as principais orquestras portuguesas, bem como com formações de referência

de vários países europeus e americanos. Apaixonado pela música de câmara, tem colaborado com muitos dos mais relevantes intérpretes da actualidade.

Um marco decisivo do seu percurso artístico foi a fundação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble, do qual é director artístico. A discografia do ensemble inclui a 1.ª gravação mundial da integral da música de câmara com piano de Schostakovich, bem como os Trios Op. 11 e 38 de Beethoven, álbuns amplamente elogiados pela crítica especializada. Foi também a partir do DSCH que criou, em Lisboa, em 2015, o Festival Verão Clássico, considerado uma das mais relevantes academias e plataformas de excelência musical a nível mundial.

A sua criatividade como director artístico e curador tem-no levado a liderar inúmeros projectos nas últimas duas décadas. É, actualmente, director artístico do Festival de Música dos Capuchos e curador do Ciclo Musical-Mente, no Teatro Nacional São João, no Porto.

Firme defensor e promotor das novas gerações de músicos, foi Professor de Piano durante uma década em universidades portuguesas, orienta regularmente masterclasses e fundou, em 2022, o Juventus Ensemble.

Em 2014, foi distinguido com o título oficial de “Steinway Artist” pela prestigiada marca de pianos Steinway & Sons, sendo o único pianista português detentor desta nomeação.

Desde 2021, é o director artístico do Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest.

Em 2026, foi-lhe atribuído o Prémio “Município de Bragança”, na categoria de “Embaixador de Bragança e Cooperação Transfronteiriça”, distinção que reconhece, nas palavras do Município, o seu “talento excepcional” e o “contributo decisivo para a afirmação de Bragança como pólo cultural, educativo e artístico”.

@RITA CARMO





ROSA MARIA BARRANTES

A pianista Rosa Maria Barrantes iniciou os estudos musicais aos seis anos na sua cidade natal, Lima, no Peru. Mais tarde, prosseguiu a sua formação na Universidade Católica de Santiago do Chile, onde concluiu o curso superior sob a orientação da Professora Maria Iris Radrigán. Posteriormente, ingressou no prestigiado Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, na classe da Professora Natalia Troull, onde viria a doutorar-se com as mais elevadas classificações.

É dessa altura, em Moscovo, que data o início do seu duo pianístico com Filipe Pinto-Ribeiro, que tem vindo a apresentar-se, ao longo das duas últimas décadas, em diversos países europeus, nos Estados Unidos e na América Latina. O duo gravou um álbum com obras de Debussy, Fauré, Ravel, Satie e Poulenc, o qual recebeu excelentes críticas da imprensa especializada.

No âmbito da música de câmara, Rosa Maria Barrantes foi membro

do Trio Americano e colabora frequentemente com o DSCH – Schostakovich Ensemble.

Tem-se apresentado com alguns dos mais destacados músicos do panorama internacional, como Anna Samuil, Pascal Moraguès, Viviane Hagner, Christian Poltéra, Corey Cerovsek, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Héctor del Curto, Chen Halevi, Jack Liebeck e Gary Hoffman, entre muitos outros.

Foi Professora de Piano e de Música de Câmara na licenciatura em Música do Instituto Piaget, na Escola Profissional Metropolitana e no Conservatório Metropolitano de Lisboa.

Actualmente, Rosa Maria Barrantes concilia a sua carreira de pianista com funções de coordenação em diversos festivais, como o Festival & Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa e se afirma hoje como um dos mais importantes festivais e academias do mundo.

THORSTEN JOHANNS

A diversidade estilística e uma extraordinária capacidade de comunicação musical são características particularmente marcantes do clarinetista Thorsten Johanns. Ainda na casa dos vinte anos, no início da década de 2000, chamou a atenção do meio musical ao conquistar o lugar de clarinete principal da prestigiada Orquestra Sinfónica da WDR de Colónia. Actualmente, é presença regular nos palcos internacionais, destacando-se sobretudo como solista e músico de câmara.

Enquanto solista, Thorsten Johanns apresenta-se regularmente com numerosas orquestras de prestígio,

entre as quais a Orchestre de Chambre de Paris e a Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, tendo colaborado com maestros como Dan Ettinger e Sir Neville Marriner.

A sua actividade artística encontra-se amplamente documentada em numerosas e aclamadas gravações discográficas e produções radiofónicas. Particularmente empenhado na música do nosso tempo, apresenta regularmente estreias mundiais de novas obras.

A música de câmara ocupa um lugar central na sua carreira. Entre os seus parceiros encontram-se Heinz Holliger e Moritz Eggert, os quartetz Aris, Aurn, Diogenes e Minetti, bem como agrupamentos de referência como o Spectrum Concerts Berlin. É também convidado regular de importantes festivais internacionais, entre os quais os de Schleswig-Holstein, Mecklenburg-Vorpommern, Lucerna e Rheingau.

Paralelamente à actividade concertística, o ensino assume um papel fundamental no seu percurso. Em 2014, foi nomeado Professor de Clarinete na Escola Superior de Música Franz Liszt, em Weimar, desenvolvendo desde então uma intensa actividade pedagógica. É regularmente convidado a orientar masterclasses na Alemanha e internacionalmente, nomeadamente na Austrália, China, Canadá, Escandinávia e Países Baixos.

Combinando uma ampla versatilidade estilística com uma profunda experiência orquestral e uma particular dedicação à música de câmara, Thorsten Johanns afirma-se como uma das personalidades de referência do clarinete na actualidade.





SÓNIA PAIS

Sónia Pais nasceu em 1998 e ocupa, desde 2022, o lugar de Flauta Solista da Orquestra Gulbenkian.

Paralelamente, prossegue estudos de mestrado na Hochschule für Musik und Theater München, na classe de Andrea Lieberknecht, e é membro da Junge Deutsche Philharmonie.

Foi academista da Mendelssohn- Orchesterakademie, academia da Gewandhausorchester Leipzig (2021/22), tendo gravado nesse período um CD Deutsche Grammophon das Sinfonias n.º 8 e 9 de Schubert, sob a direcção de Herbert Blomstedt.

Ao longo do seu percurso, integrou orquestras como a Gustav Mahler Academy (2019 e 2020) e a Orquestra Joven de la Sinfónica de Galicia (2016). Como convidada, colaborou com a Dresdner Philharmonie, a Tchaikovsky International Orchester Ekaterinburg, a Orquestra Clássica de Espinho, a Orchester der Russisch-Deutsche Musikakademie – projecto de Valery Gergiev, em colaboração com a Orquestra do Teatro Mariinski.

Dos concursos nacionais e internacionais nos quais se apresentou, destacam-se o 1.º Prémio e o Prémio Excelência – categoria A no Concurso Internacional de Música de Gondomar e o 3.º Prémio no concurso Tampere Flute Fest – Piccolo Orchestral Competition (Finlândia).

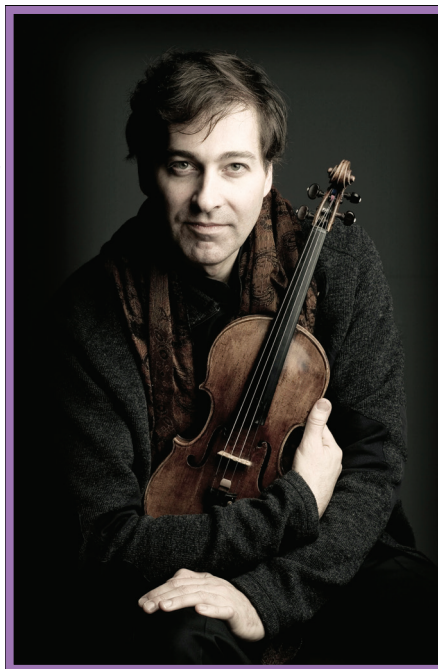
Iniciou os seus estudos musicais aos sete anos de idade na Sociedade Filarmónica Fraternidade de São João de Areias, em Santa Comba Dão. Dois anos depois, ingressou no Conservatório de Música e Artes do Dão. Posteriormente estudou na Escola Profissional de Música de Espinho, sob a orientação de Paulo Barros.

Em 2017 foi admitida na Hochschule für Musik Hanns Eisler Berlin, na classe de Benoît Fromanger, concluindo a sua licenciatura com a máxima classificação. Durante esse período foi bolseira da Lucia-Loeser Stipendium, atribuída por mérito artístico.

PHILIPPE GRAFFIN

Aclamado como um dos mais destacados violinistas da actualidade, Philippe Graffin foi descoberto por Yehudi Menuhin, que, depois de o ouvir no Concurso Fritz Kreisler, na Áustria, o convidou a realizar a sua primeira gravação com a Royal Philharmonic Orchestra.

A sua singular carreira internacional levou-o aos cinco continentes e reflecte uma permanente curiosidade artística, particularmente evidente na sua extensa e aclamada discografia, que se estende de Mozart a obras especialmente compostas para si. Gravou mais de trinta concertos, entre os quais Saint-Saëns, a redescoberta do Concerto de Fauré, versões originais e esquecidas do Poème de Chausson, do Concerto de Elgar e de Tzigane de Ravel, bem como concertos de Britten, Dvořák e Coleridge-Taylor. A sua



discografia inclui ainda concertos de Rodion Shchedrin e Vytautas Barkauskas.

Como solista, apresentou-se com orquestras como a Philharmonia, BBC Symphony Orchestra, BBC National Orchestra of Wales, Royal Liverpool Philharmonic, English Chamber Orchestra, Saarbrücken Philharmonie, Residentie Orkest, Gothenburg Symphony, Czech Philharmonic, Orchestra di Padova e del Veneto e Filarmónica de São Petersburgo. Actuou em salas como o Lincoln Center, em Nova Iorque, Concertgebouw de Amesterdão, Wigmore Hall e Royal Albert Hall, em Londres, Palazzetto Bru Zane e Maison de la Radio et de la Musique, em Paris, e apresentou-se extensamente na Europa, Estados Unidos, África do Sul, Ásia e Austrália.

Philippe Graffin dedica-se apaixonadamente à música dos nossos dias, incluindo a de compositores como Dutilleux e Saariaho. Vários compositores escreveram obras para si, entre os quais Vytautas Barkauskas, Philippe Hersant, David Matthews, Yves Prin, Rodion Shchedrin, Peter Fribbins e Marcelo Nisinman.

Em 2014, criou com Gérard Depardieu, no Flagey, em Bruxelas, um projecto para a televisão belga que cruzava poesia e música e que viria a dar origem ao documentário Graffin-Depardieu, la nuit leur appartient.

Aluno de Philippe Hirschhorn e Josef Gingold – este último, por sua vez, discípulo de Eugène Ysaÿe –, Graffin mantém uma relação particularmente profunda com a obra do grande violinista e compositor belga.

Durante 25 anos, Philippe Graffin foi Director Artístico do festival de música de câmara Consonances, em Saint-Nazaire, França.

Paralelamente à sua intensa actividade artística, Philippe Graffin é Professor de Violino no Conservatório Real de Bruxelas e no Conservatório Nacional Superior de Paris.



RĂZVAN POPOVICI

Nascido numa família de músicos, Răzvan Popovici estudou em Salzburgo, Paris e Freiburg com Peter Langgartner, Jean Sulem, Wolfram Christ e Christoph Wyneken. É fundador e Director Executivo do Chiemgauer Musikfrühling, na Alemanha, e do Festival SoNoRo, em Bucareste. Foi ainda nomeado Director Executivo do Festival Europalia 2019/20, em Bruxelas.

Como solista, apresentou-se em prestigiadas salas de concerto, entre as quais a Philharmonie de Colónia, o Festspielhaus Baden-Baden, o Ateneu Romeno, em Bucareste, o Prinzregententheater, em Munique, e o Théâtre des Champs-Élysées, em Paris. Colaborou com agrupamentos como a Cologne Chamber Orchestra, Kobe Chamber Orchestra, Romanian Radio National Orchestra, George Enescu Philharmonic, CHAARTS Chamber Artists e Orchestra Comunale del Teatro di Bologna.

A música de câmara ocupa um lugar central na sua actividade artística. Ao

longo da sua carreira, tem colaborado com músicos como Juliane Banse, Shlomo Mintz, Elena Bashkirova, Radovan Vlatković, Daishin Kashimoto, Olli Mustonen, Gilles Apap, Frans Helmerson, Nobuko Imai e Mihaela Martin. Apresenta-se internacionalmente como membro do Ensemble Raro.

É convidado regular de importantes festivais internacionais, entre os quais o Festival de Lucerna,

Wiener Festwochen, Festival de Spoleto, Mintz Festival Tucumán, Jerusalem Chamber Music Festival, Mittelfest Cividale, Festival Academy Budapest e os festivais de Stavanger, Delft, Tallinn, Rolandseck, Korsholm e Kuhmo.

A sua carreira levou-o a algumas das mais importantes salas de concerto internacionais, como o Carnegie Hall, em Nova Iorque, Suntory Hall, em Tóquio, Concertgebouw de Amesterdão, Konzerthaus e Musikverein de Viena, Wigmore Hall, em Londres, YMCA de Jerusalém, BOZAR, em Bruxelas, Philharmonie de Paris e Elbphilharmonie, em Hamburgo.

Paralelamente à intensa actividade como intérprete e promotor artístico, Răzvan Popovici é Professor de Viola no Conservatório Real de Antuérpia, conjugando a carreira internacional com uma forte dedicação à formação de novas gerações de músicos.

CLAUDIO BOHÓRQUEZ

De origem peruana e uruguaia e nascido na Alemanha, Claudio Bohórquez é considerado um dos mais destacados violoncelistas da actualidade. Aluno de Boris Pergamenschikow, alcançou desde muito jovem importantes distinções em concursos internacionais, entre os quais o Concurso Tchaikovsky para Jovens Músicos, em Moscovo, e o Concurso de Violoncelo Rostropovich, em Paris.

Em 2000, obteve três distinções no primeiro Concurso Internacional Pablo Casals: o Primeiro Prémio, o Prémio Especial para a melhor interpretação de música de câmara e, pelas mãos de Marta Casals Istomin, o privilégio de tocar durante dois anos no violoncelo Goffriller que pertencera a Pablo Casals. Venceu igualmente o Primeiro Prémio do Concurso Internacional de Música de Genebra, distinção que marcou o início da sua carreira internacional como solista.

Apresentou-se como solista com algumas das mais prestigiadas orquestras internacionais, entre as quais a Staatskapelle Dresden, Gewandhausorchester Leipzig, Wiener

Symphoniker, Orchestre de Paris, Orchestre Philharmonique de Radio France, Tonhalle-Orchester Zürich, Academy of St Martin in the Fields, NHK Symphony Orchestra e Tokyo Philharmonic Orchestra. Nos Estados Unidos, actuou com a Boston Symphony Orchestra, Chicago Symphony Orchestra, Cleveland Orchestra, Detroit Symphony Orchestra, Los Angeles Philharmonic, National Symphony Orchestra e Philadelphia Orchestra.

Ao longo da sua carreira, colaborou com maestros como Daniel Barenboim, Christoph Eschenbach, Manfred Honeck, Sir Neville Marriner, Eiji Oue, Krzysztof Penderecki, Leonard Slatkin, Tugan Sokhiev, Lothar Zagrosek e David Zinman.

Apaixonado pela música de câmara, é presença regular em importantes festivais internacionais, entre os quais o Festival Casals, em Porto Rico, City of London Festival, Jerusalem International Chamber Music Festival, Lockenhaus, Tanglewood, Ravinia, Aspen, Schleswig-Holstein e Rheingau.

A sua discografia inclui numerosas gravações, entre as quais um álbum dedicado às sonatas de Johannes Brahms, com Péter Nagy, editado pela Berlin Classics.

Paralelamente à carreira de intérprete, desenvolve uma importante actividade pedagógica. Foi Professor na Escola Superior de Música de Estugarda e, desde 2016, é Professor de Violoncelo na Escola Superior de Música Hanns Eisler de Berlim.

Foi ainda nomeado Director Artístico do Festival Winnenden, função que exerce desde a temporada 2017/18.

Claudio Bohórquez toca num violoncelo G. B. Rogeri, que lhe foi cedido pela Landeskreditbank Baden.





TIAGO PINTO-RIBEIRO

Tiago Pinto-Ribeiro, reconhecido como um dos contrabaixistas portugueses de maior prestígio internacional, nasceu no Porto e estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Prosseguiu a sua formação na Universidade das Artes de Berlim (UdK), na classe do professor Michael Wolf, concluindo o Diploma Artístico e o Mestrado em Contrabaixo.

Ao longo do seu percurso, foi distinguido internacionalmente em várias ocasiões, como no Concurso Internacional de Contrabaixo, em Houston (EUA), tendo sido laureado com o 1.º Prémio no Concurso Internacional Júlio Cardona.

Integrou algumas das mais prestigiadas orquestras internacionais, como a Orquestra Sinfónica da NDR de Hamburgo, Orquestra Filarmónica da NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica da Galiza e Orquestra Sinfónica de Berlim, trabalhando sob direcção de maestros consagrados como Claudio Abbado, Christoph von

Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach.

No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH – Schostakovich Ensemble e apresenta-se regularmente em Portugal e por toda a Europa com músicos de renome internacional, como Esther Hoppe, Lars Anders Tomter, Mihaela Martin, Frans Helmerson, Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu, Carolin Widmann, Christian Poltéra e o seu irmão, Filipe Pinto-Ribeiro.

Tiago Pinto-Ribeiro é, desde 2003, contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e é Professor de Contrabaixo e de Música de Câmara na Universidade de Aveiro.

SOFIA COSTA

Sofia Costa nasceu em Vila Nova de Gaia e iniciou os seus estudos musicais aos três anos de idade. Estudou na Escola de Música de Perosinho e no Conservatório de Música do Porto, onde recebeu o Prémio Madalena Sá e Costa / Câmara Municipal do Porto.

Licenciou-se em Percussão na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), no Porto. Actualmente, frequenta estudos de mestrado na ESMAE e na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART).

Colaborou como percussionista com a Orquestra Gulbenkian, Drumming GP, Orquestra Filarmónica Portuguesa, Malta Philharmonic Orchestra e European Union Youth Orchestra.

Trabalhou com maestros como Susanna Mälkki, Vasily Petrenko e Ivan Fischer, entre outros.

Partilhou o palco e realizou masterclasses com músicos como Nuno Aroso, Nick Woud, Vanessa Porter, Christian Dierstein, Gimpas Dúo, Viviane Vassileva e Jean-François Lézé.

Apresentou-se em concertos na Casa da Música, Teatro Nacional São João, Fundação Calouste Gulbenkian, UNESCO Paris, Konzerthaus Berlin, Het Concertgebouw e Wolkentrum Grafenegg.



ALFONSO PINTO-RIBEIRO

Ver página 16

4 OUTUBRO • DOMINGO • 17H
ANFITEATRO DO POLIS DE BRAGANÇA

A Arte dos Metais

100 CAMINHOS
JOÃO MOREIRA Trompete
CAROLINA ALVES Trompete
LUÍS VIEIRA Trompa
HUGO ASSUNÇÃO Trombone
JOAQUIM ROCHA Trombone

PROGRAMA

Kurt Weill (1900–1950)	Three Penny Opera Suite 1. Overture 2. The Moritat of Mack the Knife 3. The Instead of Song 4. Cannon Song
Joseph Horowitz (1926–2022)	Music Hall Suite 1. Soubrette Song 2. Trick-Cyclists 3. Adagio Team 4. Soft-Shoe-Shuffle 5. Les Girls
Enrique Crespo (1941–2020)	Spiritual Waltz
John Cheetham (1939–)	Scherzo
George Gershwin (1898–1937)	Three Preludes
Telmo Marques (1971–)	Golden Rock Spell

NOTAS AO PROGRAMA

A música para metais, não obstante as limitações dos instrumentos, reduzidos a tocarem notas “naturais” durante séculos (ou seja, não possuindo mecanismos de pistões ou chaves, apenas conseguiam notas dentro da chamada “série de harmónicos”, e algumas poucas mais com artimanhas de pressão dos lábios – o registo agudo oferece mais notas do que o registo grave e, no caso da trompa, através da posição da mão no pavilhão...), foi, no entanto, rica de repertório, nomeadamente cerimonial. A potência destes instrumentos fez deles o veículo ideal para serem tocados ao ar livre, e para abrilhantarem cerimónias de Estado, religiosas e militares. Muitas vezes associados à percussão, nomeadamente aos tímpanos, os metais desempenharão, na música de concerto que virá depois do Barroco, um papel menor, embora estruturalmente importante. Assim, nas sinfonias e outras obras orquestrais do Classicismo e até à morte de Beethoven, com raras exceções, aos metais não serão dados temas principais, e só raramente o seu potencial melódico e solista foi explorado.

Com a invenção e o desenvolvimento de sistemas de válvulas e pistões no século XIX e com a adopção definitiva do trombone de varas, os modernos instrumentos de metal demonstraram espantosas capacidades por explorar.

Berlioz, Wagner, Strauss, Bruckner e Mahler, entre outros, tiraram

partido deste novo mundo sonoro que se lhes oferecia, e levaram o papel dos metais, incluindo a tuba, o mais grave de todos, a um patamar de virtuosismo que, sem rivalizarem, seja como for, com flautas, clarinetes e violinos (o que seria, de todo, impossível, uma vez que existem sempre resistências naturais de cada instrumento, devidas ao seu tamanho, construção, forma de tocar, que nem todo o virtuosismo deste mundo é capaz de ultrapassar...), lhes concedeu repertório próprio e papéis determinantes na orquestração. Quem não se lembra do início de *Assim falava Zaratustra*, de Strauss (que abre, musicalmente, 2001: *Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick) ou das fanfarras iniciais e finais da *Sinfonietta* de Leoš Janáček?

(E, se não se lembrarem, talvez a menção ao célebre romance de Haruki Murakami, *1Q84*, vos desperte alguma memória!)

Nas formações de câmara, o quinteto de metais é o equivalente, nas cordas, ao quarteto ou ao quinteto de cordas, e, nas madeiras e trompa, ao quinteto de sopros, sendo a maioria do repertório camerístico escrito com este tipo de formação em mente, existindo, dentro dela, algumas variantes possíveis, nomeadamente dois trombones, um tenor e um baixo, ao invés de um trombone e uma tuba. Neste caso, o quinteto tem duas trompetes, uma trompa, e dois trombones, um tenor e um baixo, e é, por isso, uma formação mais equilibrada

do ponto de vista do timbre, do brilho e até das possibilidades de virtuosidade.

Devido, no entanto, à modernidade do conjunto e ao facto de os modernos instrumentos só estabilizarem em finais do século XIX, o repertório original, como acontecerá com o saxofone, é maioritariamente do século XX, razão pela qual os programas para metais incluem tantas vezes quer obras originais, quer arranjos e transcrições de obras escritas inicialmente para orquestra, piano ou outras formações que não os metais ou exclusivamente estes.

É assim o caso do programa de hoje, que mistura obras originais de Joseph Horowitz, Enrique Crespo, John Cheetham e Telmo Marques com dois arranjos de música de Kurt Weill e George Gershwin, sendo que, no caso de Kurt Weill, o original já pede só instrumentos de sopro, pelo que se trata mais de uma redução do que de uma visão completamente diversa, o que, obviamente, conta a favor da dita redução, que nada perde em relação à cáustica, adstringente versão original de Weill. Um elemento comum a todas as obras aqui apresentadas é a relação de todos os compositores com o universo jazzístico ou não necessariamente “clássico”, como o da música de cinema ou da Broadway, o que confere uma leveza e uma atmosfera “cool” a todas estas obras, não obstante a relativa melancolia e acidez da suite de Kurt Weill, música socialmente comprometida e escrita numa época, 1928, de grandes dificuldades económicas e políticas para a Alemanha, com a ascensão do Nazismo e a Crise de 1929 já ao virar

da esquina. Em 1928 os metais e os sopros em geral, desempenharam também a tarefa de, com a sua “objectividade” sonora, “limparem”, de certa forma, os últimos resquícios de um romantismo hiper-sentimental na Nova Música de Stravinsky, Hindemith ou Weill, o que fizeram alegremente!

Sérgio Azevedo
Compositor e musicólogo

BIOGRAFIAS

100 CAMINHOS

100 Caminhos surge de uma partilha de experiências reunidas no espaço e no tempo, reflectindo vivências da Europa Central e de Leste e referências conceptuais fortemente marcadas pelo legado norte-americano da música para metais. Numa mescla de gerações com perspectivas e objectivos arrojados perante os actuais desafios colocados à composição musical de sustentação erudita, este projecto ambicioso fundamenta o seu conceito no indiscutível potencial ecléctico da música de câmara para quinteto de metais, promovendo cruzamentos transdisciplinares em articulação com todas as outras áreas artísticas.

Não obstante o foco e objectivos bem delineados, este ensemble não renega, naturalmente, o extenso espólio que nos tem apresentado com obras de grandes compositores, de Witold Lutoslawski a Leonard

Bernstein. A versatilidade, tão característica desta formação e profusamente sustentada por uma longa lista de convincentes arranjos e adaptações, é também um recurso assumido na partilha de estilos musicais que continuam a motivar e inspirar intérpretes e plateias, simultaneamente estimulando compositores e artistas associados a este projecto. Assim iniciamos uma viagem com muitas alternativas, com a ambição de proporcionar trilhos enriquecedores para o legado da música de câmara e dos compositores e artistas que connosco embarcam nesta aventura.

@BRUNOSIMÃO





JOÃO MOREIRA

João Moreira é trompetista da Orquestra Metropolitana de Lisboa desde 2019. Entre 2012 e 2017, foi Trompete Solo da MusicAeterna, em Perm (Rússia), sob a direcção do maestro Teodor Currentzis, com a qual se apresentou nas mais prestigiadas salas de concerto mundiais.

Em 2017, regressou a Portugal e venceu o concurso para a posição de Trompete Solo na Orquestra Clássica do Sul.

Foi premiado em diversos concursos, tanto em Portugal como nos Estados Unidos da América – nomeadamente pela International

Trumpet Guild (ITG) – e tem-se apresentado como solista com várias orquestras, entre as quais se destacam: MusicAeterna Orchestra (Perm, Rússia), Symphony Academic Orchestra of Rostov (Rostov-on-Don, Rússia), Orquestra Clássica do Sul, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Académica Metropolitana, Krasnoyarsk Chamber Orchestra (Rússia) e Orquestra Metropolitana de Lisboa.

É Mestre em Performance pela Hochschule für Musik und Theater, em Hamburgo (Alemanha), onde estudou com o conceituado professor Matthias Höfs.

CAROLINA ALVES

Carolina Alves colabora com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras desde 2017. Ao longo do seu percurso, tocou e gravou com diversos grupos e orquestras, entre os quais se destacam: Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Clássica do Sul, Al Bustan Festival Orchestra, Orquestra d'Artes de Almada e OpuSpiritum Ensemble.

Durante a sua formação académica, foi seleccionada para integrar prestigiadas orquestras juvenis, como a Orchestre des Jeunes de la Méditerranée, Young Franco-German-Hungarian Philharmonics,

Orquestra de Câmara Portuguesa Zero e European Union Youth Orchestra, sob a direcção de maestros como Sir Simon Rattle, Vasily Petrenko, Bernard Haitink, Hannu Lintu e David Alan Miller. Apresentou-se em grandes salas de concerto, como o Het Concertgebouw (Amesterdão), Konzerthaus (Berlim), Radio Hall (Bratislava) e a Sala de Concertos da Filarmónica de Varsóvia.

Apresenta-se regularmente como solista, tendo actuado com a Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Ensemble de Metais de Leiria e OpuSpiritum Ensemble.

É Mestre em Ensino pela Escola Superior de Música de Lisboa e Mestre em Performance pela Hochschule für Musik und Theater de Leipzig (Alemanha), onde estudou com o conceituado professor Guido Segers.





LUÍS VIEIRA

Luís Vieira é Trompa Solista da Orquestra Sinfónica Portuguesa, desde 2015.

Ao longo da sua carreira, foi convidado a integrar prestigiadas orquestras como a Berliner Philharmoniker, Orchestre de la Suisse Romande, Orchestra della Svizzera Italiana, Orquestra Nacional de España, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Ensemble Divino Sospiro, sob a direcção de maestros como Sir Simon Rattle, Semyon Bychkov, Valery Gergiev, Herbert Blomstedt, Christian Thielemann, Gustavo Dudamel, Riccardo Chailly e Andris Nelsons. Com estas orquestras, teve a

oportunidade de tocar em algumas das mais prestigiadas salas de concerto do mundo, tais como a Berliner Philharmonie, Philharmonie de Paris, Concertgebouw (Amsterdão), Royal Albert Hall (Londres), Tonhalle (Zurique), entre outras.

Durante a sua formação académica, integrou orquestras como a The World Orchestra, Lucerne Festival Academy, Schleswig-Holstein Youth Orchestra e a Orquestra Joven Sinfónica de Galicia.

Concluiu a Licenciatura em 2009, na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, na classe do professor Paulo Guerreiro, prosseguindo os seus estudos com Abel Pereira, Eric Terwilliger e Sarah Willis. Entre 2011 e 2013, frequentou a Escuela Superior de Música Reina Sofia, em Madrid, onde estudou com Radovan Vlatković e recebeu, das mãos da Rainha Sofia de Espanha, o prémio de Melhor Aluno da Cátedra de Trompa. Em 2015, concluiu o Mestrado em Performance na Zürcher Hochschule der Künste, na Suíça, sob a orientação do mesmo professor.

Em 2011, foi vencedor do Prémio Jovens Músicos e, em 2013, finalista do Città di Porcia International Music Competition.

Actualmente, é Professor de Trompa na Escola Superior de Música de Lisboa e na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco.

HUGO ASSUNÇÃO

Hugo Assunção é Professor de Música de Câmara na Escola Superior de Música de Lisboa, desde 2012, e tem leccionado masterclasses de Trombone e Música de Câmara um pouco por todo o país e no estrangeiro.

Tocou e gravou com diversos grupos e orquestras, tais como: Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra da Madeira, Orquestra do Algarve, Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra Sinfonia Varsóvia, Orquestra do Hot Clube de Portugal, Orquestra de Jazz de Matosinhos e Crossfade Ensemble, de Daniel Bernardes.



Partilha a Direcção Artística do Festival Gravíssimo! com o artista Yamaha Sérgio Carolino, e tem colaborado, tocado e gravado com artistas como James Thompson, David Taylor, Marshall Gilkes, Gyorgy Gyivicsán, David Bruchez, Gabriel Antão, Ricardo Pereira, João Martinho, Ruben Tomé, Francisco Couto, Jacques Mauger, Bart van Lier, Justin Clark, Robin Eubanks, Luis Bonilla, Eijiro Nakagawa, Christian Jones, Demondrae Thurman, Matthew Murchison, Thomas Rüedi, Anthony Caillet, Hélène Escrive, Tormod Flaten, Fernando Deddos, Luka Einfalt, Gene Pokorny, Bob Stewart, Floyd Cooley, Henrique Costa, Anne-Jelle Visser, Oren Marshall, Ricardo Carvalhoso, François Thuillier, Mike Forbes, Roland Szentpáli, Daniel Perantoni, Nimrod Ron e Shimpei Tsugita.

Em 2006, gravou “Vox Gabrieli”, com música para trombone e piano, e “A Different Era”, como Director Musical do Ensemble Português de Trombones.

Encomendou, estreou e gravou obras de Anne Victorino d’Almeida, Telmo Marques, Daniel Bernardes e António Victorino d’Almeida.

Ganhou o lugar de Primeiro Trombone da Orquestra Sinfónica Portuguesa em 1993.



JOAQUIM ROCHA

Joaquim Rocha é Trombone Baixo da Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 2017. Tem sido convidado a colaborar com diversos agrupamentos e orquestras, entre os quais se destacam a Orquestra Sinfónica da Galiza, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra de Guimarães.

É licenciado pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (Porto), onde estudou com o Professor Severo Martinez, tendo concluído o curso em 2017 com a mais alta classificação.

Foi distinguido com vários prémios ao longo do seu percurso, destacando-se o First Prize Winner – George

Roberts Category na International Trombone Festival Competition, realizada na prestigiada Juilliard School, em Nova Iorque. Em 2016, venceu o Primeiro Prémio no 1.º Concurso Internacional de Trombone de Castelo de Paiva e, em 2019, conquistou o Primeiro Prémio no Prémio Jovens Músicos, que lhe proporcionou a oportunidade de se apresentar como solista com a Orquestra Gulbenkian.

Participou em inúmeras masterclasses com artistas de renome internacional, como Stefan Schulz, Ian Bousfield, Andreas Klein, David Bruchez, Jamie Williams, Jon Etterbeek, Petur Eiriksson, Filipe Alves, Gabriel Antão, Bill Thomas e Nathan Zgonc.



9 OUTUBRO • SEXTA-FEIRA • 21H

IGREJA DE SANTA MARIA

Liszt, o Virtuoso

FILIPPE PINTO-RIBEIRO Piano

PROGRAMA

Franz Liszt
(1811-1886)

Rapsódia Húngara N.º 12

Sonetto N.º 123 del Petrarca

(de *Années de Pèlerinage – Italie*)

Liebestraum N.º 3

(Sonho de Amor, sobre poema de Freiligrath)

Valse Oubliée N.º 1

Consolation N.º 3

(de *Six Pensées Poétiques*)

Fantasia quasi una Sonata

“Après une Lecture du Dante”

(de *Années de Pèlerinage – Italie*)

NOTAS AO PROGRAMA

Paralelamente à produção de música instrumental dita pura ou absoluta (estética formalista), o romantismo oitocentista assistiu ao desenvolvimento de géneros musicais infiltrados por conteúdo extramusical (estética da expressão), cujo programa ou intenção descritiva era considerado um meio revolucionário para ultrapassar as correntes formais que impunham determinada estrutura à obra musical. O compositor tornava-se músico-poeta e assim capaz de estender os limites da sua arte. É neste contexto que podemos inserir grande parte da obra de Franz Liszt (1811-1886), uma das figuras mais fascinantes (por vezes polémica e aparente-

mente contraditória) do panorama musical do século XIX. Nascido em Raiding, na Hungria, estudou em Viena e rumou a Paris (em 1823), onde viria a tornar-se no mais aclamado pianista do seu tempo, apresentando-se em concertos por toda a Europa (de Inglaterra à Turquia, de Portugal à Rússia). Uma vez em Weimar (a partir de 1848), representou e promoveu os valores da «nova escola alemã». Mais tarde, haveria de fixar-se em Roma (a partir de 1861), empreendendo viagens regulares a Budapeste, Weimar e Bayreuth, onde acabaria por morrer. Deixou uma obra determinante no rumo da história da música ocidental, antecipando

ideias, métodos e procedimentos que encontrariam lugar no século XX.

O concerto inicia-se com a exuberante Rapsódia Húngara n.º 12 (de 1853) – onde Liszt rende homenagem à música da sua pátria – e prossegue com Sonetto n.º 123 del Petrarca, peça que integra o segundo dos três álbuns da colecção intitulada *Années de Pèlerinage*, publicados, respectivamente, em 1855, 1858 e 1883. A obra evoca impressões visuais e sonoras, assim como meditações poéticas, filosóficas e existenciais, que remontam aos anos em que Liszt viveu na Suíça (entre 1835 e 1837) e em Itália (entre 1837 e 1839) na companhia de Marie d’Agoult, que o compositor conhecera em Paris, em 1832. Marie era então uma mulher casada, mãe de duas filhas e seis anos mais velha que o pianista. Ainda que assim fosse, Liszt e Marie enfrentaram o expectável escândalo (no círculo da “boa sociedade” parisiense), tornaram-se amantes e pais de três filhos: Blandine (nascida em Genebra, em 1835), Cosima (nascida na cidade italiana de Como, em 1837, viria a casar-se com o maestro Hans von Bülow e, em segundas núpcias, com Richard Wagner, tornando-se directora do célebre Festival de Bayreuth após a morte do compositor alemão) e Daniel (nascido em Roma, em 1839). As sete peças que constituem o segundo álbum (*Italie*) – entre as quais encontramos também Fantasia quasi una Sonata “Après une Lecture de Dante” – foram trabalhadas entre 1838 e 1849. Na transposição do poema de Petrarca para a música de Liszt poderá ler-se a intenção do compositor em estabelecer uma analogia entre a sua devoção por Marie d’Agoult e o amor (ainda que platónico) que unia Petrarca a Laura (a mulher visada nas palavras do mestre italiano).

Obra primorosa entre o repertório para piano de Liszt, Fantasia quasi una Sonata “Après une Lecture de Dante” comporta traços de um virtuosismo que desafia os limites físicos do intérprete e do próprio instrumento, explorando uma escrita que parece adequar-se às possibilidades de uma orquestra e não apenas de um único instrumento. O espectro dos seus rasgos expressivos oscila entre elementos retóricos referentes ao Inferno e ao Paraíso da Divina Comédia, assim como a Beatriz, eterna musa de Dante.

O alinhamento fica completo com a apresentação de três peças que remetem para fases posteriores da vida de Liszt. Liebestraum n.º 3 (resultado da revisão da canção O lieb, so lang du lieben kannst!, de 1843) foi publicada em 1850, numa época em que o compositor ocupava o cargo de mestre de capela da corte de Weimar, cidade onde se tinha estabelecido em 1848 com Carolyne Sayn-Wittgenstein (com quem haveria de partilhar a sua vida até ao início dos anos de 1860: nunca chegariam a casar por absoluta negação do papa, que se recusou a anular o casamento anterior de Carolyne; Liszt acabaria por receber as ordens menores do sacerdócio, tornando-se abade em 1865). Igualmente publicada em 1850, Consolation n.º 3 revela uma escrita em estilo de nocturno, com reminiscências claras de Chopin. Valse Oubliée n.º 1 foi composta em 1881. Ainda que aluda à posição histórica da valsa de salão (no uso de fórmulas melódicas e rítmicas típicas do género), a partitura é marcada por elementos harmónicos inovadores característicos do estilo tardio de Liszt.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

BIOGRAFIA

FILIPPE PINTO-RIBEIRO

Ver página 35

10 OUTUBRO • SÁBADO • 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

Fulgor Húngaro

ORQUESTRA DE CÂMARA
DE BUDAPESTE “FRANZ LISZT”

PROGRAMA

Leó Weiner (1885–1960)	1ª Parte
	Divertimento N.º 1
	1. Tempo di Csárdás (quasi alla Marcia)
	2. Rókatánc (Dança da Raposa): Vivace
	3. Marosszéki keringős (Valsa de Marosszék): Allegretto moderato
Franz Liszt (1811–1886)	4. Verbunkos (Dança de Recrutamento): Tempo di marcia
	5. Csüddögölő (Dança do Celeiro): Presto
	Rapsódia Húngara N.º 2, S. 244/2
	1. Lassan, Andante mesto
	2. Friska, Vivace
Béla Bartók (1881–1945)	2ª Parte
	Divertimento para
	Orquestra de Cordas, Sz. 113
	1. Allegro non troppo
	2. Molto adagio
Franz Liszt	3. Allegro assai
	Mephisto Waltz N.º 1, S. 514

NOTAS AO PROGRAMA

O programa de hoje reúne obras dos dois compositores mais célebres da música húngara, Franz Liszt e Béla Bartók, música com uma tradição riquíssima, popular e erudita, e que engloba muitos outros nomes notáveis, com uma obra de um compositor menos conhecido mas nem por isso menos interessante: Léo Weiner.

Uma das características mais evidentes de praticamente todos os compositores húngaros, a partir de Liszt (embora já antes houvesse alguns exemplos dessa tendência), incluindo os mais radicais, como Ligeti, e também daqueles que, como Haydn e Schubert, viveram e trabalharam na região daquela que é, hoje, a moderna Hungria, é a utilização de material popular, ou seja, o uso de melodias e de outros elementos da música húngara que, no passado, se confundia com a música dos Roma húngaros, vulgo “música tzigana”, sendo que Béla Bartók, já no século XX, através de uma pioneira abordagem etnomusicológica, demonstrou que se tratava de duas tradições distintas, embora, obviamente, com pontos comuns dada a convivência na mesma região, durante séculos, entre nómadas Roma (que se deslocavam mas de forma limitada, e sempre dentro das fronteiras do Império Austro-Húngaro) e camponeses húngaros.

As obras de Liszt, no caso do presente concerto, são orquestrações de peças escritas originalmente para piano, e estão entre as mais célebres do compositor, nomeadamente a *Rapsódia Húngara n.º 2*, um dos “hits”

do repertório dos “Clássicos Populares”. Tal não retira, nem o abuso da música para anúncios, desenhos animados humorísticos, versões amadoras e mal tocadas e outras consequências do êxito, a esta peça o seu fascínio original. Nesta série de obras, Liszt dedica-se não somente a usar a forma típica em dois andamentos: “Lassú” e “Friss”, um díptico que consiste basicamente num andamento inicial, introdutório, mais improvisado e ornamentado, ao qual se segue uma dança ritmicamente exuberante. Esta forma em dois andamentos, intitulada “Verbunkos” (do alemão para “recrutamento”, música usada para atrair novos recrutas nas tabernas, com o apoio de músicos populares, muitos deles Roma) foi também usada não somente por compositores húngaros posteriores a Liszt mas também por compositores do Leste europeu, incluindo o mais contemporâneo Witold Lutoslawski. Liszt imita também nestas rapsódias instrumentos populares húngaros, como o Cimbalão, uma espécie de saltério tocado com duas baquetas, e o nível de virtuosismo exigido ao piano, virtuosismo que também se nota – não poderia deixar de se notar! – na transcrição para orquestra de cordas, é imenso.

A *Valsa Mefisto n.º 1* é uma das mais arrojadas peças de Liszt. A sua audácia harmónica, nomeadamente no início, é surpreendente, e Bartók lembrar-se-á desta peça para as suas peças de piano mais agressivas. Aqui nada temos do folclorismo das *Rapsódias*, mas o motorismo rítmico e a referida

audácia harmónica acabarão por aproximar esta peça da mistura que Bartók fará entre folclorismo e modernismo, mistura que será notável, entre outras obras, no seu *Divertimento para Cordas*, de 1939. Note-se que o próprio Liszt orquestrou a obra para orquestra sinfónica, o que torna esta versão para cordas ainda mais legítima, dado o óbvio potencial orquestral do original de piano e o papel das cordas, nomeadamente do violino, na música “tzigana” e húngara em geral.

Mas antes, o *Divertimento n.º1*, Opus 20, sobre danças tradicionais húngaras, de Leó Weiner. Escrito entre 1933 e 1934, foi dedicado ao seu amigo e maestro Fritz Reiner. Contrariamente a Bartók, Weiner cultivava um estilo mais neo-romântico, menos modernista. Este seu *Divertimento*, na sua singeleza, aproxima-se mais do Bartók das *Danças Populares Romenas* de 1915, nas quais o compositor ainda não começara a explorar o seu estilo mais radicalmente dissonante, e faz jus ao termo “divertimento”, variante das “serenatas” e “cassações” do Classicismo iluminista, música cuja função é meramente – e por que não? – a de fazer-nos passar um bom momento musical. E compreende-se que seja uma peça feliz: embora em 1934 Hitler já tivesse chegado ao poder na Alemanha, a Noite de Cristal dar-se-ia somente em 1938 e Weiner estava muito longe de saber que teria de fugir dos nazis na Budapeste ocupada devido à sua origem judaica tendo, felizmente, sobrevivido à guerra graças a amigos que o esconderam.

Já o *Divertimento* de Bartók almeja a outros voos. Uma das peças mais significativas do último período do compositor, foi escrito em 1939, pouco

antes do compositor, que não era judeu, mas cujo humanismo o opunha, em tudo, aos nazis e ao governo pró-fascista da Hungria do Almirante Horthy, se refugiar nos EUA. Escrito por encomenda do maestro e mecenas suíço Paul Sacher para a Orquestra de Câmara de Basileia, que colocou um chalé isolado nos Alpes Suíços à disposição do compositor para que este pudesse escrever com total tranquilidade a nova obra, o *Divertimento* não deixa de evocar o drama daqueles tempos, nomeadamente no sombrio andamento lento. E, se a escrita neoclássica se mistura com um modernismo aqui relativamente mitigado, nada neste *Divertimento* é para “divertir” antes se tratando de uma das obras mais profundas e dramáticas de Bartók, e nem o carácter afirmativo do primeiro andamento nem a exuberância folclorística do andamento final nos fazem esquecer que a 17 Agosto de 1939, quando Bartók coloca a barra dupla final na sua peça, a terrível guerra de Hitler estava a apenas 15 dias de abalar o mundo.

Sérgio Azevedo
Compositor e musicólogo

BIOGRAFIA

ORQUESTRA DE CÂMARA “FRANZ LISZT” DE BUDAPESTE

Fundada em 1963, a Orquestra de Câmara “Franz Liszt” de Budapeste mantém-se há mais de seis décadas na elite musical, sendo reconhecida como um agrupamento de referência no panorama internacional.

É liderada desde 2016 pelo concertino Péter Tfirst e tem como Director Artístico o mundialmente reconhecido violoncelista István Várdai.

Apresentou-se em mais de cinquenta países e em algumas das mais importantes salas de concerto do mundo, entre as quais o Carnegie Hall, em Nova Iorque, Suntory Hall, em Tóquio, Sydney Opera House, Teatro Colón, em Buenos Aires, e Théâtre de la Ville, em Paris.

Ao longo da sua história, a orquestra colaborou com alguns dos mais notáveis solistas internacionais, como Sviatoslav Richter, Mstislav Rostropovich, Isaac Stern, Yehudi

Menuhin, Jean-Pierre Rampal, Martha Argerich, Julia Fischer, Vadim Repin, András Schiff, Emmanuel Pahud, Vadim Gluzman, Denis Matsuev, Mischa Maisky e Maxim Vengerov, entre muitos outros.

Nos últimos anos, a orquestra protagonizou concertos de particular relevo, apresentando-se em algumas das mais prestigiadas salas internacionais, entre as quais o Concertgebouw de Amsterdão, a Alte Oper de Frankfurt, a Tonhalle de Düsseldorf, o Musikverein de Viena, o Victoria Hall de Genebra, o Carnegie Hall de Nova Iorque e o Heydar Aliyev Center, em Baku.

Em 2011, a Orquestra de Câmara “Franz Liszt” de Budapeste inaugurou o Ano Liszt e assinalou o início da Presidência Húngara do Conselho da União Europeia, num concerto realizado no Auditório Nacional de Madrid, na presença do Rei Juan Carlos I de Espanha e da Rainha Sofia.





O seu vasto repertório percorre quase toda a história da música, de Monteverdi aos compositores do século XX. A sua extraordinária discografia, com mais de 200 gravações, constitui igualmente um testemunho da dimensão do seu percurso artístico, incluindo edições para editoras de referência como Hungaroton, CBS, Teldec, EMI, Erato, Denon e Sony Classical. A orquestra recebeu por três vezes o Grand Prix da Académie du Disque, em Paris, e foi distinguida em diversas ocasiões com o prémio Disco do Ano, na Hungria. Em 2016, a Deutsche Grammophon editou um álbum da formação em colaboração com o contrabaixista Ödön Rácz, amplamente elogiado pela crítica internacional.

Enquanto orquestra nacional da Hungria, a Orquestra de Câmara “Franz Liszt” de Budapeste desempenha um importante papel na representação e divulgação da cultura húngara em todo o mundo, conjugando uma tradição artística de mais de seis décadas com uma forte presença nos grandes palcos internacionais.



15 DEZEMBRO • TERÇA-FEIRA • 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

BRAGANÇA CLASSICLAB

Um Concerto de Natal

FILIPPE PINTO-RIBEIRO Piano • ESTHER HOPPE Violino
LARS ANDERS TOMTER Viola • CHRISTIAN POLTÉRA Violoncelo
TIAGO PINTO-RIBEIRO Contrabaixo

PROGRAMA

Franz Schubert (1797–1828)	Quinteto com Piano D 667, “A Truta” 1. Allegro vivace 2. Andante 3. Scherzo 4. Andantino 5. Allegro giusto
Antonín Dvořák (1841–1904)	Quarteto com Piano N.º 1 Opus 23 1. Allegro moderato 2. Andantino con variazioni 3. Finale. Allegretto scherzando

NOTAS AO PROGRAMA

Schubert, de quem Stravinsky dizia que, devido à duração e repetição encantatória dos seus belíssimos temas, nos adormecia, embora quando acordávamos estivéssemos no Paraíso, foi, acima de tudo, um génio da melodia. Todas as suas obras instrumentais derivam de um pensamento melódico que, desde a puberdade, com canções como Margarida ao Tear e O Rei dos Álamos, terá a sua mais lídima expressão no “Lied” acompanhado ao piano. Schubert escreverá cerca de 600 canções durante a sua curta vida, e várias obras de câmara suas usam, como tema para variações, algumas dessas

canções. Assim, o quarteto de cordas conhecido como A Morte e a Donzela, da canção homónima, e este Quinteto com Piano, celebrizado, devido às variações do 4º andamento, como A Truta, são exemplares dessa interacção (como, mais tarde, Mahler, outro grande admirador de Schubert, também fará) entre canção e música instrumental e orquestral. A canção do mesmo nome, Die Forelle, no original alemão, escrita em 1817, será pois usada no quinteto, escrito pouco depois, em 1819, contava Schubert apenas 22 anos, tendo a ideia partido de Sylvester Paumgartner,

violoncelista amador de vastas posses, que encomendou a obra a Schubert.

O Quinteto A Truta, como é popularmente conhecido, destaca-se, antes de mais, pela sua constituição pouco usual. Ao invés do quarteto de cordas com piano (2 violinos, viola, violoncelo), este quinteto usa um contrabaixo, ficando assim com uma formação mais próxima dos grupos usados para géneros mais ligeiros como a serenata ou o divertimento. E, realmente, embora muito mais sofisticada e ambiciosa do que a maioria das obras escritas dentro destes géneros “ligeiros”, os cinco andamentos que a constituem, unidos aliás pela figura ascendente do acompanhamento da canção que simula os movimentos ágeis da truta dentro de água, possuem um certo carácter de leveza que somente o 2º andamento, com a sua melancolia, tão schubertiana, parece querer contrariar.

E Schubert, cujo último andamento da Truta parece anteceder o eslavismo checo de Dvořák, é a companhia ideal para fazer parte de um programa com o grande compositor checo, cujas influências iniciais incluem Schubert acima de qualquer outro.

O Quarteto para Piano n.º 1, em Ré maior, Op. 23, foi escrito surpreendentemente depressa, em apenas 18 dias (24 de maio a 10 de junho) de 1875, o mesmo ano em que Brahms, seu futuro mentor, termina o seu último quarteto com piano, e num período decisivo para a carreira do compositor. Já com 34 anos, Dvořák ainda não passara de uma reputação local e as suas finanças eram precárias. A concessão, em Fevereiro desse ano, do Prémio do Estado Austríaco pelas suas 3ª e 4ª Sinfonias permitirá ao compositor dedicar-se mais à composição, e, tal como acontecerá com Tchaikovsky e Sibelius, dessa ajuda sairá uma profusão de obras-primas que, em poucos anos, consolidarão a reputação internacional de Dvořák. No entanto, não obstante este reconhecimento, o quarteto teve de esperar

cinco anos pela estreia, dada no Konvikt de Praga a 16 de Dezembro de 1880.

Como Schubert e Mozart, Dvořák evita dar ao piano uma proeminência exagerada, ao invés mantendo um equilíbrio “clássico” entre os quatro instrumentos. A forma em três andamentos em vez dos mais tradicionais, “sinfónicos” quatro, confere uma maior expansividade a cada um, nomeadamente ao primeiro, que ocupa quase metade da obra, característica que também Schubert partilha. Aliás, a duração de cada andamento vai diminuindo, o que confere à obra um percurso do “peso” para a “leveza”, algo que também é evidente na música em si.

A influência de Schubert neste quarteto vai mais além do expansivo primeiro andamento. As variações do belo segundo andamento, uma quase que “Dumka” (género de origem folclórica que alterna abruptamente expressões melancólicas com outras mais alegres), tanto trazem à memória o Quinteto da Truta, afinidade de que os ouvintes decerto facilmente se darão conta, como as variações do Quarteto de Cordas em ré menor “A Morte e a Donzela”, e contam-se entre as mais belas da mão de Dvořák. No “finale”, não obstante o tema principal, “schubertiano”, e a candura da escrita, o eslavismo de Dvořák aponta já para um estilo cada vez mais pessoal e imediatamente reconhecível, mesmo em relação ao do seu ilustre antecessor Bedřich Smetana, o “pai” do nacionalismo musical checo.

Não obstante pois as “piscadelas de olho” a Schubert, e aqui e ali a Brahms e até a Mendelssohn, o Quarteto com Piano n.º 1 de Dvořák é uma das suas primeiras e indiscutíveis obras-primas no domínio da música de câmara e uma obra inspiradíssima, que não se deixa cair nem por um segundo em rotinas de escrita.

Sérgio Azevedo
Compositor e musicólogo

ESTHER HOPPE

A violinista suíça Esther Hoppe detém uma excelente reputação internacional, enquanto solista e pedagoga.

Após estudar em Basileia, Filadélfia (no Curtis Institute of Music), Londres e Zurique, Esther ganhou o 1.º Prémio na oitava edição do prestigiado Concurso Internacional de Mozart, em Salzburgo. Pouco depois, fundou o Trio Tecchler, vencedor de vários prémios em importantes concursos, como o 1.º Prémio do Concurso ARD de Munique, em 2007.

Apresenta-se frequentemente como solista, acompanhada com algumas das mais prestigiadas orquestras europeias como Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Münchener Kammerorchester, Orchestre Les Siècles Paris, Kammerorchester Basel, Zürcher Kammerorchester, entre outras.

A sua intensa actividade concertística estende-se também à música de câmara, onde os seus parceiros incluem músicos como Clemens e Veronika Hagen, Nicolas Altstaedt, Vilde Frang, Heinz Holliger, Elisabeth Leonskaja, Alexander Lonquich, Filipe Pinto-Ribeiro, Lars Anders Tomter, Christian Poltéra e Ronald Brautigam.

Esther Hoppe é convidada regular de festivais internacionais de grande reputação, como Lockenhaus, Ernen, Luzern, Gstaad, Delft, Prussia Cove e Styriarte.

Gravou diversos CD aclamados pela crítica, para as editoras Virgin Classics, Neos, Concertus Records e Ars Musici.

Desde 2013, é Professora de Violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo, na Áustria.

Esther Hoppe toca com o violino Stradivarius “De Ahna”, construído em 1722.



© IRÈNE ZANDEL

© NIKOLA JILUND

**LARS ANDERS TOMTER**

Lars Anders Tomter é considerado um dos violetistas mais destacados da actualidade. “O Gigante da Viola Nórdica” (como foi apelidado pela revista The Strad) nasceu em Hamar, na Noruega. Começou a tocar violino e viola aos oito anos de idade. Estudou ambos os instrumentos com o Professor Leif Jørgensen, no Conservatório de Música de Oslo e na Academia Superior de Música da Noruega, e prosseguiu os seus estudos com o Professor Max Rostal e com Sándor Végh.

A carreira internacional de solista de Lars Anders Tomter começou em 1987, com uma grande digressão pelos Estados Unidos da América e pela

Alemanha, com a prestigiada Orquestra de Câmara Norueguesa. Desde então, as suas aparições como solista têm sido aclamadas pelo público e pela crítica, em toda a Europa e Estados Unidos da América, em salas como Musikverein de Viena, Carnegie Hall de Nova Iorque, o Wigmore Hall de Londres, o Konzerthaus de Berlim e Philharmonie de Colónia.

Lars Anders Tomter apresentou-se como solista com orquestras como a BBC Symphony, BBC Scottish Symphony, Royal Philharmonic Orchestra, Academy of St. Martin in the Fields, City of Birmingham Symphony Orchestra, RSO Frankfurt, NDR Radio Philharmonic Hannover, Gürzenich-Orchester Köln, Budapest Festival Orchestra, sob a direcção de maestros como Marc Albrecht, Vladimir Ashkenazy, Sylvain Cambreling, Dennis Russell Davies, Olari Elts, Daniele Gatti, Krzysztof Penderecki, Okko Kamu, Arvid Jansons, Dmitri Kitaenko, entre outros.

No âmbito da música de câmara, Lars Anders Tomter colabora frequentemente com músicos de renome e é presença regular em festivais como BBC Proms, Lockenhaus, Kissingen Sommer, Mondseetage, Schleswig-Holstein, Schwetzingen, Styriarte, Verbier, bem como em vários festivais na Escandinávia.

Foi Director Artístico do Risør Chamber Music Festival, na Noruega, e, actualmente, é Director Artístico do Norwegian Fjord Classics Festival.

O seu vasto repertório inclui todas as principais obras do repertório contemporâneo de viola e gravou diversos álbuns para as editoras Simax, Naxos, Virgin Classics, NMC, Somm e Chandos.

É Professor na Academia Superior de Música de Oslo e toca com uma extraordinária viola construída por Gasparo da Salò, em 1590.

CHRISTIAN POLTÉRA

Um dos mais requisitados violoncelistas da actualidade, Christian Poltéra nasceu em Zurique.

Foi discípulo de extraordinários professores, como Boris Pergamenschikow e Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena.

Como solista, toca frequentemente com algumas das principais orquestras mundiais, como a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, tendo trabalhado

sob a direcção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner, entre outros.

Dedica-se também intensamente à música de câmara, em parceria com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryn e Zehetmair.

Juntamente com o violinista Frank Peter Zimmermann e o violetista Antoine Tamestit, Christian Poltéra é fundador e membro do famoso Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiadas salas de concertos e festivais por toda a Europa.

Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi seleccionado como um dos Artistas da Nova Geração da BBC Radio 3.

É convidado regular dos festivais mais prestigiados - como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena - e estreou-se nos BBC Proms em 2007.

A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu amplo e variado repertório, incluindo concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert.

Christian Poltéra é Professor de Violoncelo na Universidade de Lucerna e toca com o famoso violoncelo Stradivarius "Mara", construído em 1711.

FILIPPE PINTO-RIBEIRO

Ver página 35

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Ver página 42

@IRENEZANDEL



BRAGANÇA
CLASSIC FEST

CALENDÁRIO

12 SETEMBRO • SÁBADO • 18H

Igreja de São Francisco

13 SETEMBRO • DOMINGO • 20H

Teatro Principal de Zamora (Espanha)

APRESENTAÇÃO E CONCERTOS DE LANÇAMENTO

Juventus Ensemble

26 SETEMBRO • SÁBADO • 21H

27 SETEMBRO • DOMINGO • 17H

Teatro Municipal de Bragança

CONCERTOS DE ABERTURA: VIVALDI & PAGANINI

Orquestra “Virtuosi del Teatro alla Scala” de Milão

1 OUTUBRO • QUINTA • 21H

Igreja de São Francisco

DIA MUNDIAL DA MÚSICA: O SÉCULO DE OURO IBÉRICO

O Bando de Surunyo

3 OUTUBRO • SÁBADO • 21H

Teatro Municipal de Bragança

O CARNAVAL DOS ANIMAIS: MÚSICA & HUMOR

Maria Rueff e DSCH – Schostakovich Ensemble

4 OUTUBRO • DOMINGO • 17H

Anfiteatro do Polis de Bragança

A ARTE DOS METAIS

Quinteto de Metais “100 Caminhos”

9 OUTUBRO • SEXTA • 21H

Igreja de Santa Maria

LISZT, O VIRTUOSO

Filipe Pinto-Ribeiro

10 OUTUBRO • SÁBADO • 21H

Teatro Municipal de Bragança

CONCERTO DE ENCERRAMENTO: FULGOR HÚNGARO

Orquestra de Câmara de Budapeste

BRAGANÇA CLASSIC LAB

MASTERCLASSES E RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

14 DEZEMBRO . SEGUNDA

Conservatório de Música e Dança de Bragança

Teatro Municipal de Bragança

Violino **Esther Hoppe**

Professora da Universidade Mozarteum de Salzburgo

Viola **Lars Anders Tomter**

Professor da Academia Superior de Música de Oslo

Violoncelo **Christian Poltéra**

Professor da Universidade de Lucerna

Contrabaixo **Tiago Pinto-Ribeiro**

Professor da Universidade de Aveiro

Piano **Filipe Pinto-Ribeiro**

Director Artístico do Bragança ClassicFest

ENSAIO ABERTO E CONCERTO

15 DEZEMBRO . TERÇA

Teatro Municipal de Bragança

Música & Literatura

UM CONCERTO DE NATAL

Obras de **Franz Schubert**, **Antonín Dvořák** e **Charles Dickens**

I N F O R M A Ç Õ E S

info@classicfest.pt
+351 939 083 383
classicfest.pt

Teatro Municipal de Bragança
Praça do Professor Cavaleiro Ferreira, 5300-252 Bragança

Igreja de São Francisco – Convento de São Francisco
Rua de São Francisco, 5300-037 Bragança

Igreja de Santa Maria de Bragança
Rua da Cidadela, Santa Maria, 5300-025 Bragança

Anfiteatro do Polis de Bragança
Rua A60, Parque Polis, Bragança

Teatro Principal de Zamora
C. de San Vicente, 49004 Zamora, Espanha

BILHETES À VENDA EM:

Teatro Municipal de Bragança
telefone: 273 302 744
e-mail: bilheteira@cm-braganca.pt
teatromunicipal.cm-braganca.pt

ticketline.pt e nos locais habituais

E Q U I P A

Organização
Câmara Municipal de Bragança
Teatro Municipal de Bragança
DSCH – Associação Musical

Director Artístico
Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo
Paulo Veríssimo da Silva

Directores Assistentes
Rosa Maria Barrantes
e **Tiago Pinto-Ribeiro**

Produção e Comunicação
Andreia Carvalho

Assistente de Produção e Direcção de Cena
João Mendes e Luís Silva

Imagem Gráfica do Festival e Catálogo
Marco Grieco

Fotografia e Vídeo
Andreia Carvalho

Site
AWD

Impresso por
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.
Setembro 2026

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

ORGANIZAÇÃO



MECENAS



APOIO



PARCEIROS MEDIA





classicfest.pt